

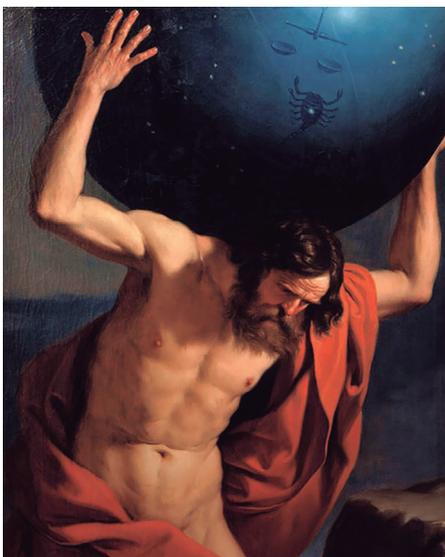
FILOSOFIA
PSS 2

História da Filosofia Ocidental, Lógica e Filosofia da Linguagem.

Surgimento da filosofia

Mito

A palavra "mito" possui origem grega e significa contar, narrar algo para alguém. Homero (Íliada e Odisseia) é considerado um narrador de mitos, ou seja, um rapsodo (ator, cantor, recitador), tido como portador de uma verdade fundamental sobre a origem do universo e das leis que tudo regem. O discurso era pronunciado para ouvintes que recebiam como verdadeira a narrativa, pois confiavam no narrador devido a ele ter autoridade acerca do assunto em questão, já que, geralmente, ele é a pessoa que vivenciou e testemunhou os acontecimentos míticos narrados.



Atlas segurando o globo celestial.

Contudo, **o mito é uma narrativa simbólica**, utilizada para **explicar as origens** do mundo e do homem, além de fatos da realidade e fenômenos da natureza. Assim, o mito explicava os acontecimentos primordiais por meio das ações de personagens sobrenaturais, deuses e heróis.

Características dos mitos

- ▶ Explicam a origem de todas as coisas por intermédio da simbologia e do fabuloso;
- ▶ organizam e harmonizam a sociedade mediante a crença no julgamento dos deuses;
- ▶ apresentam relação com o divino a partir da fé;
- ▶ apresentam contradições em suas narrativas;
- ▶ tratam de um passado muito distante do homem.

O **modelo mítico começou a ser questionado** quando o homem percebeu que algumas respostas não estavam mais solucionando cer-

tas indagações. Foi a partir de navegações, da invenção do calendário e da moeda, da criação da democracia que exigia a publicidade das leis, etc., que o mito foi substituído por uma forma de pensamento com critérios argumentativos. Surgiu, então, a Filosofia, como busca por um conhecimento racional, sistemático e com validade universal.

O que é Filosofia?

A Filosofia surgiu, primeiramente, como uma cosmologia, ou seja, como um estudo da origem do *Kósmos* (universo) que buscava respostas por meio da razão e não mais da fé. Não admitindo contradições, fabulações e coisas incompreensíveis, **a filosofia focou-se nas causas da origem de todas as coisas**, tentando responder o "como" e o "porquê" da existência do mundo, do homem, dos fenômenos, etc. Exigia, assim, **uma explicação coerente, lógica e racional**.



Partenon, localizado na Acrópole de Atenas.

Características da Filosofia no seu surgimento

- ▶ Era uma racionalização dos mitos;
- ▶ excluía a fé como ferramenta para as respostas;
- ▶ tornou a razão confiável, pois não permitia contradições;
- ▶ não buscava a explicação no passado, mas na causa dos fenômenos naturais;
- ▶ preocupou-se, em um primeiro momento, com o estudo da própria natureza (*physis*).

Alguns filósofos ao longo da história escreveram sobre qual aspecto ou elemento faz com que a filosofia nasça no homem. Essas três origens são as mais apontadas como geradoras de questionamentos:

- ▶ **Espanto:** gera a interrogação e o conhecimento.
- ▶ **Dúvida:** traz a comprovação crítica e a certeza.
- ▶ **Comoção:** desenvolve os questionamentos sobre a própria existência.



Estudo complementar

Que é a Filosofia?

“Muito se tem discutido o que seja a filosofia e qual o seu valor. Uns esperam dela extraordinárias revelações, outros rejeitam-na como pensamento sem objeto. Uns respeitam-na enquanto valioso esforço de pessoas invulgares, outros desprezam-na considerando-a supérflua lubrificação de sonhadores. Uns opinam que é algo que a todos interessa, portanto, deverá no fundo ser simples e compreensível, outros julgaram-na tão difícil que não vale a pena abordá-la. De fato, o que corre sob o nome de filosofia oferece-nos exemplos que permitem juízos destarte contraditórios.

Para quem acredita na ciência, o que a filosofia tem de pior é não atingir conclusões geralmente válidas, que se possam aprender e portanto possuir. Enquanto as ciências alcançaram nos seus domínios resultados necessariamente certos e geralmente reconhecidos como tal, a filosofia não logrou a mesma evidência após milenários esforços. Não se pode negar que na filosofia não há unanimidade relativamente a conhecimentos definitivos. Aquilo que, por motivos irrecusáveis, é para todos válido tornou-se conhecimento científico, deixou de ser filosofia para se referir ao domínio particular do que é suscetível de conhecimento.

Por outro lado, o pensamento filosófico não tem, como as ciências, o caráter de um processo progressivo. Estamos, decerto, mais adiantados do que Hipócrates, o médico grego. Mas já não podemos dizer que estejamos mais adiantados do que Platão, excetuando apenas o conjunto material de conhecimentos científicos que teve ao seu dispor. No filosofar propriamente dito, talvez nem sequer chegássemos ainda até onde ele chegou.

Deve pertencer à índole própria da filosofia esta carência de reconhecimento unânime de qualquer das suas formas, pela qual diverge das ciências. O modo da certeza que nela se pode alcançar não é científico [...]. Ao passo que os conhecimentos científicos se referem a objetos particulares que não estão necessariamente ao alcance do conhecimento de todos, a filosofia refere-se à totalidade do ser, que importa a todo homem enquanto homem, procura uma verdade que, onde quer que fulgure, comove mais profundamente do que qualquer conhecimento científico.

O estudo da filosofia está, aliás, ligado ao das ciências. Pressupõe o estado avançado que estas atingiram na era atual, mas a filosofia tem outra origem e sentido. Surge, antes de qualquer ciência, quando os homens despertam”.

Iniciação Filosófica – Karl Jaspers – 1960.



História da filosofia

| Filosofia Antiga | Filosofia Medieval | Filosofia Moderna | Filosofia Contemporânea |
|--|---|---|---|
| <p>± séc. VI a.C.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Região da Jônia e Atenas | <p>± séc. V d.C. até XV d.C.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Queda do Império Romano ▶ Igreja no poder ▶ Cristianismo ▶ Teocentrismo ▶ Fé x Razão | <p>± séc. XV d.C. até XVIII d.C.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Igreja desvinculada do Estado ▶ Antropocentrismo ▶ Mercantilismo ▶ Era das navegações | <p>± séc. XIX d.C até hoje</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Capitalismo industrial ▶ Liberalismo ▶ Movimento do proletariado |
| <p>1. Período Pré-Socrático</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ "Do que é feito o mundo?" ▶ Filósofos naturalistas/fisicalistas. ▶ Estudo da <i>physis</i>. ▶ Primórdios do saber científico. <p>▶ 508 a.C. – democracia.</p> | <p>1. Patrística</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Criação de novos conceitos e virtudes. ▶ Padres e monges. ▶ Santo Agostinho. <p>▶ Idade das trevas: cultura greco-romana desaparecida.</p> | <p>1. Renascimento</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Racionalismo do pensamento humanista. ▶ Críticas aos costumes, ao clero, à política. ▶ Maquiavel, Bacon e Hobbes. <p>▶ Fim do Feudalismo.</p> <p>▶ Contrarreforma.</p> <p>▶ Ciência: Copérnico, Galileu.</p> | <p>1. Séc XIX</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Socialismo: Marx e Engels. ▶ Utilitarismo. ▶ Positivismo. ▶ Crítica ao racionalismo: Schopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche. <p>▶ Ciência: Darwin e Freud.</p> <p>▶ Revolução Industrial.</p> |
| <p>2. Período Socrático</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ "Como sabemos o que sabemos?" ▶ "Como devemos viver?" ▶ Estudo da ética, da política e da teoria do conhecimento. ▶ Sócrates, Platão e Aristóteles. <p>▶ Alexandre, o Grande.</p> <p>▶ Guerra do Peloponeso.</p> | <p>2. Escolástica</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Filosofia Cristã dada nas escolas. ▶ Tomás de Aquino. <p>▶ Árabes e persas: dedicação à filosofia antiga.</p> <p>▶ Tribunal da Santa Inquisição.</p> <p>▶ <i>Index</i>.</p> | <p>2. Iluminismo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Confiança no poder da razão. ▶ Racionalismo, Empirismo. ▶ Filosofia Política: Locke e Rousseau. ▶ Kant. <p>▶ Revoluções burguesas: Revolução Francesa, Independência dos EUA, Conjurações Mineira e Baiana.</p> <p>▶ Ciência: Leibniz, Newton.</p> | <p>2. Pensamento Contemporâneo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Tradição analítica: Lógica abstrata, Filosofia da Linguagem. ▶ Existencialismo. ▶ Filosofia da Ciência. ▶ Ética e Política: Habermas, Foucault, Hannah Arendt. ▶ Sociologia e Antropologia. <p>▶ Ciência: Einstein, Hawking.</p> <p>▶ 1ª e 2ª Guerras Mundiais.</p> <p>▶ União Soviética.</p> |
| <p>3. Período Pós-Socrático</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ "Devemos praticar as teorias." ▶ Depois da morte de Aristóteles: divisão da filosofia em escolas de diferentes pensamentos. ▶ Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo, Hedonismo. <p>▶ Período greco-romano.</p> <p>▶ Cidade de Alexandria.</p> | | | |

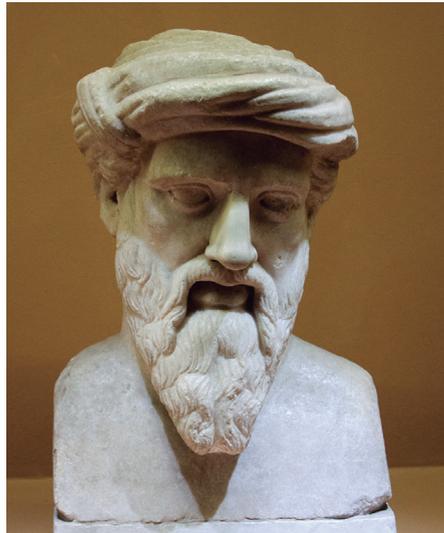
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Filosofia antiga

Pré-socráticos (entre 640 a.C. e 370 a.C.)

Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos da história. Eles trouxeram uma nova maneira de pensar, que contrastava com o pensamento mítico. Esses filósofos foram chamados de **naturalistas ou fisicalistas**, pois seu estudo focava na busca de um princípio original a partir dos elementos da própria natureza (água, ar, terra, fogo). Por isso, os pré-socráticos são os filósofos da *physis*, termo grego para "física", "natureza". Ao invés de explicarem a ordem cósmica através dos desígnios divinos, eles buscaram **respostas por via da razão**.



Busto do filósofo grego pré-socrático Pitágoras.

É chamada de "**milagre grego**" a passagem do pensamento mítico para o pensamento lógico-racional.

Os filósofos pré-socráticos eram classificados como monistas, caso acreditassem em um único princípio para o universo, ou pluralistas, se acreditassem em vários princípios.

- ▶ **Tales:** dele deriva a ideia de que a **água** seria o princípio de tudo, por estar ligada à vida e à germinação.
- ▶ **Anaximandro:** o princípio de tudo é algo imaterial, ou seja, o **ápeiron** (o "ilimitado").
- ▶ **Anaxímenes:** o princípio de tudo é o **ar**, entendido como *pneuma* que significa "sopro de vida".
- ▶ **Heráclito:** para ele, "**tudo flui**" devido ao **fogo primordial**, que é símbolo da agitação do *devir* (vir-a-ser o que não é). O fluxo da mudança é possível a partir da luta dos contrários/opostos que gera um equilíbrio.
- ▶ **Pitágoras:** o **número** seria um elemento racional de estruturação e harmonia.

▶ **Parmênides:** o princípio de todas as coisas é o *Ser* (algo imutável e único). "O Ser é, o não Ser não é".

▶ **Empédocles:** o mundo é formado pela interação entre os **quatro elementos** (água, ar, fogo, terra).

▶ **Anaxágoras:** o princípio originário são "sementes" ordenadas por um princípio inteligente (*Nous*).

▶ **Leucipo e Demócrito:** o elemento primordial é constituído por **átomos**, partículas indivisíveis e imutáveis.

▶ **Arkhé:** princípio originário, fundamento racional.

▶ **Lógos:** razão, discurso racional, linguagem.

▶ **Dóxa:** opinião (se opõe ao conhecimento).

Método socrático

Sócrates (470-399 a.C.) participou da vida política em Atenas e discutia em praça pública (*ágora*) sem nada cobrar. Não deixou nada escrito, nenhum livro ou fragmento de texto, mas podemos conhecer suas ideias por intermédio de seus discípulos, principalmente Platão, cujos primeiros diálogos demonstram com fidelidade o pensamento de Sócrates. Foi acusado pelo governo ateniense de corromper os jovens e negar os deuses, o que o condenou à morte.



Pintura *A morte de Sócrates*, por Jacques-Louis David.

O filósofo tinha o costume de conversar com todos, fossem nobres ou escravos. Ele sempre partia do princípio "só sei que nada sei", que consiste em **reconhecer sua própria ignorância** e, a partir disso, buscar o saber.

O seu **método** é composto de duas etapas: **ironia e maiêutica**.

▶ **Ironia:** O termo "ironia" significa "perguntar, fingindo ignorar". É a fase do método de destruição de **conceitos e crenças já estabelecidas** diante do oponente (interlocutor), que se diz conhecedor de determinado assunto. Com sábias perguntas, Sócrates leva o interlocutor à contradição, fazendo com que ele reconheça sua própria ignorância.

▶ **Maiêutica:** essa palavra significa "parto" em grego. Depois da ironia, Sócrates dava início à **reconstrução do conceito antes destruído**. Para isso, era preciso "fazer nascer" novos pensamentos e ideias.



Platão e Aristóteles

Platão (428-347 a.C.) nasceu em uma família aristocrática de Atenas. Após a morte de Sócrates, fundou a Academia, uma escola filosófica. Com seu pensamento racionalista, realista, idealista e dualista, influenciou teorias filosóficas até os dias de hoje. Muitos de seus livros são escritos em formas de diálogo entre Sócrates e seus interlocutores; diálogos nos quais é possível verificar a presença do método socrático e a construção de teorias como: a doutrina das Ideias, o Estado Ideal, o conceito de conhecimento, etc.

Aristóteles (384-322 a.C.) nasceu na Macedônia e frequentou desde cedo a Academia de Platão. Após a morte do mestre, foi preceptor de Alexandre, o Grande. Fundador do Liceu, ensinava seus discípulos caminhando pelo jardim da escola. Dedicou suas obras aos mais diversos assuntos, o que teve por consequência livros voltados a cada tipo de assunto. Autor de *Metafísica*, *Organon*, *Física*, *Política*, *Ética* e *Nicômaco*, Aristóteles enriqueceu ainda mais a trajetória da filosofia.

Filosofia medieval

O pensamento intelectual da Antiguidade tinha grande diferença em relação ao pensamento cristão. Este considerava aquele como um pensamento pagão, pois a religião grega era politeísta. Além disso, os filósofos gregos acreditavam que a moralidade estava ligada à natureza e não pertencia a algo divino. A era cristã trouxe muitos conceitos novos e algumas virtudes gregas eram consideradas pecado dentro do mundo medieval.

Características principais desse período

- ▶ *A revelação divina*: verdades e mandamentos vindos de Deus para conduzir o homem;
- ▶ a fé em conflito com a razão;
- ▶ teocentrismo;
- ▶ teologia.

Patrística

A partir do século II, os pensadores cristãos tentaram **readaptar a filosofia antiga à nova fé**. Esses pensadores ficaram conhecidos como Padres da Igreja – por isso o termo “patrística”, que se refere aos padres que se ocuparam da elaboração da dogmática religiosa.

O auge do período da Patrística se deu nos séculos IV e V com o pensamento de **Santo Agostinho** (354-430). O filósofo retomou a filosofia de Platão e adaptou-a ao cristianismo, substituindo o mundo das ideias pelo mundo das ideias divinas.

Agostinho acreditava que as verdades eternas são possuídas pelos homens porque estes as recebem de Deus. Assim, Deus guia e ilumina a razão para o pensamento correto.

Em seu livro “Sobre a livre escolha da vontade”, Santo Agostinho foi o primeiro pensador a utilizar o conceito de **livre-arbítrio**. Ele diferencia desejo e vontade mostrando que o desejo está ligado aos instintos e a vontade está ligada à razão. Assim, por mais desejo que tenhamos de sentir os prazeres do mundo, deveríamos ter vontade de mudar.

Foi depois do século VI que a Europa Medieval se tornou completamente cristã. No período conhecido como Alta Idade Média, a **Igreja influenciava tanto o âmbito espiritual quanto o âmbito político**. Como os monges eram os únicos que sabiam ler, a Igreja tomou o controle da educação e da formação de princípios morais, políticos e jurídicos da época.

Foi então que surgiram muitas escolas em diversos locais; escolas nas quais se ensinava gramática, retórica, dialética, astronomia, geometria, aritmética, música. Depois do século IX, começaram a surgir as universidades como assembleias corporativas dos mestres e estudantes. Porém, no século XIV, as universidades entraram em decadência devido às pressões dogmáticas da Inquisição (Tribunais do Santo Ofício) espalhada por toda a Europa.

Escolástica

A mais alta expressão da filosofia cristã alcançou seu apogeu no século XIII e decaiu no Renascimento. O principal teólogo e filósofo desse período foi **Tomás de Aquino** (1225-1274), cujo pensamento apresenta influência das obras de Aristóteles.

Tomás de Aquino ainda valorizava a fé como uma ferramenta para o conhecimento, porém, para o **conhecimento das verdades reveladas**. Contudo, também considerava importante o conhecimento natural, advindo das demonstrações que a razão tornava possíveis. Esse **conhecimento natural** era composto da participação dos sentidos e do intelecto: começava pelo contato com as coisas concretas, passava pelos sentidos da imaginação e chegava na formulação de conceitos abstratos.



Filosofia moderna

Nesse novo momento histórico, despontou uma nova mentalidade, **um novo modo de pensar e ver o mundo**. A sociedade sofreu grandes transformações devido a fatos como: o surgimento da burguesia, a revolução comercial, a formação das monarquias, a Reforma Protestante, etc.

Características principais desse período

- ▶ **Antropocentrismo:** o homem é o centro dos estudos e dos interesses.
- ▶ **Racionalismo:** o homem, como ser pensante, tem o poder racional para discernir as questões morais e o conhecimento.
- ▶ **Humanismo:** retorno dos estudos das obras clássicas greco-romanas, focando em assuntos antropológicos.
- ▶ **Desenvolvimento da ciência moderna:** matemática, física, astronomia e filosofia contribuem para o desenvolvimento do pensamento científico.

Renascimento

No Renascimento (século XV e XVI), houve forte **recusa da Escolástica** devido à necessidade de desvincular a Filosofia da Teologia. O humanismo renascentista foi expresso por meio da arte e da nova perspectiva de representação da realidade. Entre alguns pintores, escultores, arquitetos, temos os admiráveis Leonardo da Vinci, Botticelli, Michelangelo e Rafael.



A *Criação de Adão*, por Michelangelo.

A obra *A Criação de Adão* de Michelangelo representa o acontecimento bíblico do ponto de vista do Renascimento.

Pensadores Humanistas

Vários pensadores desenvolveram teorias sobre o homem ser o construtor de si próprio. Embora alguns pensadores fossem religiosos, não deixaram de exprimir críticas à Igreja, à Escolástica, à corrupção dos costumes no clero, etc.

Entre esses pensadores, estão Montaigne (crítica à hipócrita moralidade da época) e Tomás Morus (crítica ao absolutismo em defesa de uma sociedade mais justa).

A astronomia foi amplamente desenvolvida nesse período, começando pelo monge e astrônomo polonês **Nicolau Copérnico** (1473-1543), que propôs a teoria heliocêntrica, cuja principal ideia é a de que o Sol era o centro do universo e não a Terra, como defendia o modelo geocêntrico de Ptolomeu. Porém, somente no século seguinte essa teoria teve as devidas atenções, quando Galileu Galilei retomou suas ideias.

Revolução Científica

Na Idade Moderna, houve uma **aliança entre ciência e técnica**, que fez mudar o olhar do homem sobre o mundo, alterando a metodologia de investigação da natureza. A **aplicabilidade prática das descobertas científicas** era o objetivo dos estudiosos. Assim, a ciência se desvinculou da Filosofia e começa a traçar o seu próprio caminho.



Galileu Galilei (1564-1642) mostrando às autoridades de Veneza como usar o telescópio.

A aplicação do **método experimental** na prática científica por Copérnico, Descartes, Bacon, Galileu, Kepler, trouxe uma verdadeira revolução. **Galileu Galilei** (1564-1642) foi um dos grandes contribuidores da ciência moderna. Unindo a experimentação e a matemática fez ocorrer o surgimento da física moderna, vista nas teorias de **Isaac Newton** (1642-1727), que reúnem várias leis referentes aos fenômenos naturais. A física newtoniana, baseada no método de raciocínio cartesiano e nas descobertas das leis das órbitas de Kepler, vai desde a mecânica até a demonstração do sistema solar.

Iluminismo

Século das Luzes é como o século XVIII ficou conhecido. O objetivo dos representantes do Iluminismo, como Montesquieu, Voltaire, Locke, Rousseau, Kant, era o de libertar os seres humanos das superstições e da tirania. A **confiança na razão e nas ideias empiristas** ajudava no progresso dos benefícios da ciência, além de tecer críticas às religiões oficiais e ao poder absoluto por meio das manifestações burguesas.

Os pensadores políticos dessa época influenciaram algumas **revoluções** não só na Europa, mas também na América. A Revolução Gloriosa, na Inglaterra, a Revolução Francesa e a Independência dos EUA foram lutas travadas em prol da liberdade burguesa. Um dos resultados dessas revoluções foi o surgimento do liberalismo. Mas o que seria isso? O **liberalismo clássico** é entendido como um conjunto de ideias éticas, políticas e econômicas da burguesia, a qual visava separar Estado e sociedade, entendendo esta como as atividades econômicas, livres e particulares, dos indivíduos.

Filosofia contemporânea

Século XIX – transição para o pensamento contemporâneo

No Século XVIII, a **Revolução Industrial** aumentou a produção mediante o sistema fabril. Cidades cresceram, ferrovias e navios a vapor surgiram e o capitalismo industrial se desenvolvia com a expansão do liberalismo. Com a ascensão da burguesia, houve o contraste entre a riqueza e a pobreza. Os trabalhadores tinham salários baixos e uma extensa jornada de trabalho, o que os levou à **organização de sindicatos e aos movimentos inspirados no socialismo marxista**.

Características principais desse período

- ▶ Reação ao excessivo racionalismo do período anterior: Schopenhauer, Nietzsche.
- ▶ ideias liberais;
- ▶ socialismo utópico e científico: Marx e Engels;
- ▶ ciência: Freud, Darwin, Einstein;
- ▶ positivismo de Comte: exaltação do cientificismo, progresso da humanidade;
- ▶ surgimento da Sociologia;
- ▶ utilitarismo: a ética do bem-estar da maioria;
- ▶ existencialismo: doutrina desenvolvida em meio às grandes guerras;
- ▶ guerras mundiais;
- ▶ globalização.



Grafite baseado na obra *Mão com uma esfera espelhada*, de Maurits Escher.

Uma das heranças da modernidade, desde Descartes, foi a descoberta de um sujeito pensante capaz de conhecer e de chegar à verdade a partir do próprio pensamento. Porém, a partir do século XIX, essa subjetividade entrou em crise devido aos pensamentos de Nietzsche e Freud, pois estes instauraram uma desconfiança na capacidade humana de conhecer.

Contemporaneidade

Houve **mudanças no campo pessoal e global** a partir do século XX. Além das guerras e dos conflitos, muitas bandeiras foram levantadas: a do feminismo, a do poder jovem, a dos direitos das minorias. Com a **globalização** podemos falar em uma economia mundial e em uma cultura do virtual.

Ao contrário da metafísica da modernidade, que buscava a verdade na capacidade racional do sujeito, a **filosofia analítica** abandona as noções de sujeito para radicalizar o estudo e a investigação da linguagem. Para os analíticos, nossa relação com o mundo é como uma relação de significação.

Uma vertente contrária à Filosofia Analítica, é a **Fenomenologia** que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. De acordo com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), pioneiro nesse estudo, todos os fenômenos do mundo devem ser pensados a partir das percepções mentais de cada ser humano. Martin Heidegger, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Paul Ricoeur são outros principais nomes dessa metodologia.



Durante as guerras, uma vertente filosófica teve força para pensar nas questões da existência humana. O chamado existencialismo de **Jean-Paul Sartre** relacionou a liberdade com a existência e a essência, procurando compreender qual o sentido do existir do ser humano. Novos pensamentos éticos e políticos surgiram no século XX com **Habermas** e **Foucault**.

Os avanços tecnológicos da industrialização em massa trouxeram as discussões sobre como devem ser nossas ações em relação às diversas situações-limite que a **bioética** nos traz (aborto, células-tronco, eutanásia).

Além disso, durante o século XX, esses temas entraram nas discussões da **Escola da Frankfurt**, conhecida por ser um vertente filosófica de teoria social composta por cientistas sociais e filósofos de mentalidade marxista. Estes intelectuais cultivavam a conhecida Teoria Crítica da Sociedade. Os principais nomes são: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas. Essa corrente foi a responsável por desenvolver expressões como "indústria cultural" e "cultura de massa".

Estudo complementar

"A relação da filosofia com sua história não coincide, por exemplo, com a relação entre a ciência e sua história. Neste último caso, são duas coisas distintas: por um lado, a ciência e, por outro, o que foi a ciência, ou seja, sua história. São independentes; a ciência pode ser conhecida, cultivada e existir à parte da história do que foi. Na filosofia, o problema é ela mesma; além disso, esse problema se formula em cada caso segundo a situação histórica e pessoal em que se encontra o filósofo, e essa situação está, por sua vez, determinada em grande medida pela tradição filosófica em que se encontra inserido: todo o passado filosófico já está incluído em cada ação de filosofar. [...]"

Há, portanto, uma inseparável conexão entre filosofia e história da filosofia. A filosofia é histórica, e sua história lhe pertence essencialmente. Por outro lado, a história da filosofia não é uma mera informação erudita a respeito das opiniões dos filósofos, e sim a exposição verdadeira do conteúdo real da filosofia. É, portanto, com todo rigor, filosofia."

MARÍAS, Julián. História da filosofia. In: ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*. São Paulo: Moderna, 2012, p. 279.

Lógica

O que é Lógica?

A Lógica faz parte do nosso cotidiano. Quando você quer convencer sua mãe a deixar você sair de noite, quando um político quer persuadir o eleitor, quando o advogado defende seu cliente, quando um publicitário quer atrair o consumidor, quando você quer defender uma teoria são situações em que são usados argumentos para expor um ponto de vista. Assim, **a Lógica é um instrumento necessário para as mais simples discussões** e, também, uma ferramenta para detectar a validade dos raciocínios.



Aristóteles foi o primeiro filósofo que organizou a lógica de forma sistemática e metódica. Em sua obra *Órganon* (instrumento), o filósofo forneceu **leis formais que conduzem o raciocínio por certas regras**, dando-lhe estabilidade e a possibilidade da distinção entre um argumento válido ou inválido, correto ou incorreto.

Tipos de lógica

- ▶ **Aristotélica:** entendida como lógica tradicional, distinguiu claramente a verdade da validade e sistematizou as relações lógicas entre proposições.
- ▶ **Clássica ou simbólica:** conhecida como lógica de predicados e lógica proposicional, ultrapassa a lógica aristotélica na medida em que apresenta um número superior de resultados corretos.
- ▶ **Formal:** preocupa-se com a forma e a estrutura do pensamento, a conexão entre sentenças e o desenvolvimento da inferência.
- ▶ **Informal:** é o estudo dos argumentos na linguagem comum; tem preocupação com os critérios e os procedimentos para análise e interpretação crítica da construção argumentativa no discurso cotidiano.



Proposições categóricas

- ▶ Todo S é P.
- ▶ Nenhum S é P.
- ▶ Algum S é P.
- ▶ Algum S não é P.

Sendo S qualquer sujeito e P qualquer predicado.

Proposições contrárias: são as proposições universais – elas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo.

Proposições subcontrárias: são as proposições particulares – elas não podem ser falsas ao mesmo tempo.

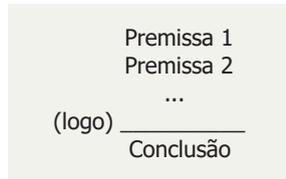
Proposições subalternas: a relação acontece entre as duas afirmativas ou entre as duas negativas – elas têm o mesmo valor de verdade.

Proposições contraditórias: a relação acontece entre a universal afirmativa e a particular afirmativa, ou entre a universal negativa e a particular afirmativa – elas têm valor de verdade opostos.

Argumentação

Uma argumentação é sustentada por dois elementos: **premissas** e **conclusão**. Tanto as premissas quanto a conclusão são proposições que formam um argumento.

A **estrutura formal de um argumento** é:



Validade e Verdade

É importante sabermos a distinção entre validade e verdade de argumentos.

Lembre-se:

- ▶ proposições são verdadeiras ou falsas em relação aos fatos;
- ▶ **argumentos são válidos ou inválidos**, corretos ou incorretos, de acordo com sua estrutura. Não existe argumento verdadeiro ou falso.

Podemos ter um argumento válido com todas as proposições falsas, ou com apenas uma delas falsa.

O argumento válido é aquele que não fere as regras do silogismo!

▶ **Argumento válido** é aquele cuja conclusão pode ser tirada das premissas, ou seja, se a conclusão é consequência lógica das premissas, o argumento é válido. Caso contrário, o argumento será inválido.

▶ **Argumento correto:** VÁLIDO + TODAS AS PROPOSIÇÕES VERDADEIRAS.

▶ **Argumento incorreto:** inválido ou válido com proposição falsa.

→ **Exemplos:**

| | | |
|--|---|---|
| 1. Nenhum atleta é vegetariano. Todo jogador de futebol é atleta. Logo, nenhum jogador de futebol é vegetariano. | 2. Cariocas são sul-americanos. Ana é sul-americana. Logo, Ana é carioca. | 3. Unicórnios são rosas. Alguns homens são unicórnios. Logo, alguns homens são rosas. |
|--|---|---|

Analisando os exemplos, podemos dizer que:

- ▶ O argumento 1 é válido, pois podemos tirar a conclusão "nenhum jogador de futebol é vegetariano" das duas premissas do argumento. Porém, o argumento é incorreto, já que é válido e a premissa "nenhum atleta é vegetariano" é falsa.
- ▶ O argumento 2 é inválido, pois não podemos concluir que "Ana é carioca" partindo das premissas. O fato de cariocas serem sul-americanos e Ana também ser sul-americana, não permite a conclusão de que ela é carioca. Sendo inválido, o argumento é incorreto.
- ▶ O argumento 3 é válido. Observe que nele estamos trabalhando com coisas que não existem (unicórnios), contudo a estrutura do argumento torna ele válido, ou seja, a conclusão pode ser tirada daquelas premissas. Porém, o argumento não é correto porque todas as proposições do argumento são falsas.



Tipos de Argumentos

| | |
|------------------|---|
| Silogismo | <p>Regras do Silogismo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. o silogismo possui 3 termos: o maior, o menor e o médio; 2. termo médio aparece nas 2 premissas; 3. termo médio não está na conclusão; 4. termo médio é termo maior em alguma das premissas; 5. de duas premissas verdadeiras não se conclui nada falso; 6. de premissas particulares nada se conclui; 7. de premissas negativas nada se conclui; 8. a conclusão sempre segue a premissa mais fraca (se nas premissas uma delas for negativa, a conclusão deve ser negativa; se uma for particular, a conclusão deve ser particular). |
| Dedução | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Apresenta premissa(s) universal; ▶ Sua conclusão pode ser universal ou particular. ▶ A conclusão é necessária, pois já está contida nas premissas. |
| Indução | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Premissas particulares e conclusão universal; ▶ Conclusão provável; apresenta uma probabilidade; ▶ Usado em métodos das ciências empíricas. |
| Analogia | <ul style="list-style-type: none"> ▶ Premissas e conclusão particulares; ▶ Argumento de comparação; ▶ Conclusão provável. |

→ Exemplos:

Silogismo

Brasileiros são sul-americanos.
Paulistas são brasileiros.
Logo, paulistas são sul-americanos.

Dedução

A ordem dos fatores não altera o produto.
Logo, 3x2 e 2x3 dá o mesmo resultado.

Indução

A visão, o tato, a audição, o gosto, o olfato têm um órgão corpóreo correspondente. Logo, todo sentido tem um órgão corpóreo.

▶ **Lembre-se:** previsões (como previsão do tempo), estatísticas (intenção de voto), pesquisas científicas, são exemplos de pensamento indutivo.

Analogia

O macaco foi curado da tuberculose com o soro x. Logo, o ser humano será curado da tuberculose com o mesmo soro.

▶ **Lembre-se:** metáforas são analogias!

Falácias (sofismas) – argumentação inválida

▶ **Falácia de autoridade:** utiliza-se como argumento aquilo que uma autoridade falou, porém essa autoridade não é especialista do assunto em questão.

→ **Exemplo:** Se Pelé disse que Einstein é o melhor físico, logo deve ser.

▶ **Apelo ao povo:** o argumento apela para aquilo que a maioria faz/acredita.

→ **Exemplo:** Vou jogar lixo no chão, afinal todo mundo joga.

▶ **Ataque ao homem/argumentador:** ataca-se a pessoa e não o que ela disse.

→ **Exemplo:** Eu não acredito no que esse evangélico está dizendo.

▶ **Generalização apressada (falsa indução):** conclui-se algo geral de um fato particular, mas o processo é inconsistente.

→ **Exemplo:** "Tinha que ser mulher no volante", "só podia ser negro para fazer isso".

▶ **Petição de princípio (argumento circular):** o argumento não chega a lugar nenhum.

→ **Exemplo:** A história é uma ciência que estuda fatos históricos.



► **Falsa causa:** acontecem duas ou mais coisas ao mesmo tempo, e julga-se que uma está causando a outra (mas elas não tem relação).

→ **Exemplo:** A alta temperatura das águas marítimas está ocorrendo devido à queda no número de pescadores.

► **Falso dilema:** coloca-se em jogo apenas duas possibilidades como se não houvessem outras.

→ **Exemplo:** Ou você está do meu lado ou do lado do inimigo.

► **Apelo à força (*ad baculum*):** a força nesse argumento não é a força física, mas a força de persuasão. Nessa falácia o argumento recorre à uma vantagem ou ao medo para validar seu argumento.

→ **Exemplo:** "Faça o que eu mando, pois eu te sustento", "Se você não pagar o dízimo, arderá no fogo no inferno".

Estudo complementar

"Pensa-se por vezes que uma afirmação como 'Alguns homens são mortais' é falsa dado que todos os homens são mortais. Mas tanto na lógica aristotélica como na lógica clássica se entende que a afirmação dada é verdadeira, precisamente porque todos os homens são mortais. O que está em causa é a diferença entre o que é literalmente afirmado e o que se quer dizer.

Literalmente, é verdade que alguns homens são mortais, pois se é verdade que há dez pessoas numa sala, então também é verdade que há quatro pessoas nessa sala. Dado que todos os homens são mortais, é verdade que alguns homens são mortais. Mas há uma máxima convencional segundo a qual se deve transmitir toda a informação disponível. Por isso, é enganador dizer que alguns homens são mortais, sabendo-se todavia que todos o são – pois o interlocutor pressupõe que se a pessoa soubesse que todos os homens são mortais, não diria apenas que alguns homens são mortais. Assim, ao interpretar o que as pessoas efetivamente dizem é necessário compreender que uma afirmação como 'Alguns homens são mortais' é uma forma abreviada de dizer 'Alguns homens são mortais e não tenho informação de que todos os homens sejam mortais'. Contudo, em lógica pressupõe-se que quando se usa a expressão 'Alguns homens são mortais', se quer afirmar literalmente 'Pelo menos alguns homens são mortais', e nada mais do que isso – e, assim, a afirmação é verdadeira porque todos os homens são mortais".

MURCHO, Desidério. *O lugar da lógica na filosofia*. Lisboa: Plátano, 2003.

Filosofia da linguagem

A linguagem é algo fundamental na vida humana, pois sem ela não seria possível a organização em sociedade, a comunicação e o entendimento entre indivíduos, a criação da cultura, da ciência e da arte. Assim, a linguagem se torna fundamental por que é por meio dela que são criadas as identidades de grupos a partir da nomeação de crenças e valores.

Além disso, dizem alguns filósofos, como Aristóteles, que a linguagem é aquilo que diferencia o homem de outros animais. O homem é o único ser capaz de se expressar de forma lógica e argumentativa.



A linguagem é um dos principais meios para a aquisição de conhecimento.

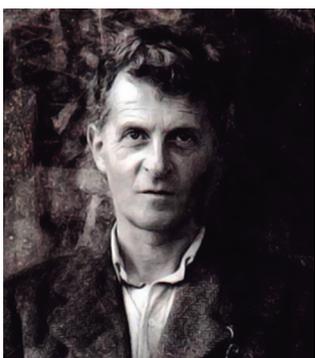
Filosofia da linguagem é o ramo da filosofia que estuda a essência e natureza dos fenômenos linguísticos. Sua principal preocupação envolve as seguintes questões: a natureza do significado, o uso da linguagem, a compreensão da linguagem e a relação da linguagem com a realidade.

Embora essa vertente tenha surgido fortemente no século XX, Platão e Aristóteles já haviam falado algo acerca da relação o ser humano com o mundo através da linguagem. No diálogo *Crátilo*, Platão se preocupa com a questão sobre a função e o uso dos nomes e como eles são constituídos. Será que as palavras significariam intrinsecamente alguma coisa ou seriam símbolos convencionais? Assim, teríamos a denominação correta dos nomes de forma natural ou por convenção. Já em seu diálogo *Fedro*, afirmou que a linguagem é como *pharmakon*, ou seja, ao mesmo tempo pode ser veneno, cosmético e remédio. Aristóteles, por sua vez, analisou a natureza de dizer algo sobre alguma coisa, e verificou que formar asserções consiste em combinar termos simples (sujeito e predicado). Para ele, a linguagem é instrumento do pensamento e tem função de representar as coisas. A existência das coisas depende da nomeação que fazemos delas. Logo, a linguagem faz parte da natureza humana na medida em que funciona como instrumento de representação das coisas, mas sua origem é convencional, já que está ligada à necessidade do homem inventá-la de acordo com o contexto social e cultural.

Linguagem na contemporaneidade

Teoria do Significado e Jogos de Linguagem em Wittgenstein

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um dos mais importantes filósofos do século XX e o mais influente na chamada virada linguística da Filosofia. Ao fazer a revisão de sua obra e teoria, podemos dividir os estudos de Wittgenstein em dois períodos: o "primeiro Wittgenstein", que corresponde à sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, e o "segundo Wittgenstein", relacionado à obra *Investigações Filosóficas*.



Ludwig Wittgenstein (1889-1951).

Primeiro Wittgenstein

Wittgenstein foi um crítico de Platão, pois, para ele, o problema da Filosofia da Linguagem em Platão era que as palavras seriam interpretadas como nomes próprios e, cada um deles, corresponderia a um objeto, compondo a estrutura lógica do mundo e reduzindo coisas mais complexas a coisas mais simples.

A virada linguística da Filosofia foi um movimento que colocou a linguagem em foco na reflexão filosófica, deixando de ser apenas um meio para nomear as coisas ou expressar pensamentos.

Entretanto, Wittgenstein pensava que **as coisas por si só não têm sentido**, pois elas ganham significado quando estão relacionadas com outras coisas. "Não podemos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros" afirmou o filósofo em seu *Tractatus*. Por isso, **para que algo tenha significado**, precisa estar ligado a um estado de coisas, e essa seria a condição para que um objeto possa ser pensado.

Com as palavras não seria diferente. Para elas adquirirem significado, precisam estar dentro de uma frase/proposição, já que as frases podem ser consideradas verdadeiras ou falsas e as palavras sozinhas não.

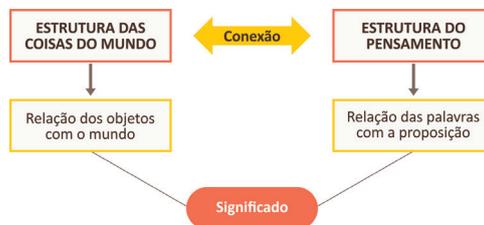
→ Exemplos:

Dizer "janela" é algo que precisa de algum complemento para possuir significado.

Dizer "a janela está aberta" permite a verificação do valor de verdade da proposição.

Porém, para uma frase ser verdadeira ou falsa, ela deve corresponder à estrutura do mundo, ou seja, estar de acordo com aquilo que as coisas são no mundo. **De que forma podemos saber se a linguagem representa a estrutura do mundo?**

Para isso, deve haver uma conexão entre a **estrutura das coisas do mundo** e a **estrutura do pensamento**, isto é, a conexão entre os objetos no mundo deve ser igual à conexão das palavras na proposição. Sendo assim, dizer algo metafísico, como "ser" ou "essência", é não dizer algo com significado, e seria necessária a reconstrução da proposição.



Segundo Wittgenstein

Em suas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein questiona a teoria anterior e se a realidade não pode ser composta por significados diferentes dentro dos contextos. Para ele, o significado passa a existir dentro de determinado jogo de linguagem que está sendo jogado no momento do uso da linguagem.

→ Exemplos:

Podemos chamar um sujeito de "legal" e isso pode significar que o sujeito é "sangue bom" ou que ele é um sujeito "moral", dependendo do lugar, da cultura e do contexto em geral.

Ao conversar com um amigo jogamos um jogo de linguagem diferente daquele que jogamos ao conversar com um médico.

Se um médico é seu amigo e você não é médico, a conversa entre vocês (conversa entre amigos) será um jogo de linguagem diferente da conversa do seu amigo com outro médico (conversa entre médicos sobre um paciente).

Os **jogos de linguagem** são feitos entre diferentes linguagens e cada jogo tem sua própria regra. Usamos regras diferentes em cada contexto discursivo. Ao fazermos um discurso imperativo, por exemplo, usamos regras diferentes das de um discurso poético. Mas podemos fazer tudo isso usando as mesmas palavras e o significado delas será estabelecido dentro do jogo de linguagem que está sendo usado. **Em cada jogo, a palavra adquire novo significado** (fora do jogo não há significado). Por isso, o significado não está



relacionado ao objeto nem às conexões mentais, mas à relação entre o falante falar o que realmente quer dizer e o ouvinte compreender. Dessa forma, os **jogos de linguagem são infinitos** e podem ser entendidos como conjuntos de atividades linguísticas, que vão desde a aplicação de signos até o ambiente envolvido, o contexto inserido, os gestos executados, etc.

Essa visão filosófica vai contra a ideia de que cada palavra corresponde a um objeto, pois a linguagem é uma atividade humana localizada na cultura e na história. A noção de jogos de linguagem foi criada para dissolver os problemas filosóficos consequentes do mau uso da linguagem.

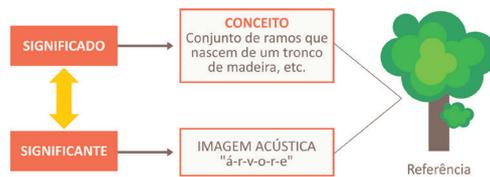
A ideia de jogos de linguagem rompe com a visão tradicional de que aprender uma língua é dar nomes aos objetos.

Além de Wittgenstein e Frege, outro filósofo que se destacou na Filosofia Analítica foi Russell. Dentre suas teses, destacou-se a lógica simbólica. Segundo Russell, as verdades matemáticas (não apenas a aritmética, como pensava Frege) poderiam ser deduzidas a partir de conceitos lógicos primitivos. Ademais, elaborou a teoria das descrições definidas, apresentada em oposição à teoria do sentido e referência de Frege.

O que é um signo?

O signo linguístico não une uma coisa a uma palavra, como disse Saussure, mas um conceito e uma imagem acústica, e ambos vêm sempre associados. A imagem acústica não é o som, mas a impressão do som no psiquismo, ou seja, a imagem sensorial.

Portanto, **a combinação da imagem acústica e do conceito chama-se signo**. O conceito é chamado de significado e a imagem acústica de significante.



Signos linguísticos e semiótica em Peirce

Charles Sanders Peirce (1839-1914), considerado o pai da semiótica, pretendia uma teoria geral da representação. Em seus textos, ele divide os signos em três tipos: o ícone, o índice e o símbolo.



Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Signos linguísticos

Ícone

Uma coisa é ícone de outra quando houver uma **semelhança**. O signo é ícone quando se refere ao objeto pelas características do próprio signo, podendo existir ou não o objeto. Assim, o desenho de um unicórnio representa por semelhança o objeto ficcional.

▶ O semelhante tem uma semelhança ou imita o objeto denotado.

→ Exemplos:



A estátua representa por semelhança o corpo humano.



Os *emoticons* representam por semelhança as emoções.



O mapa representa por semelhança um território.

Índice

O índice não representa a coisa por semelhança, mas a manifesta de alguma forma gerando os conteúdos para uma comunicação. Todo índice é um signo que se refere a um objeto e é diretamente afetado pelo mesmo. Assim, **um efeito indica uma causa e esse efeito é afetado pela causa denotada**. A batida na porta é um efeito que indica que há alguém batendo na porta.

▶ Uma observação interessante é a ideia de que animais não humanos são capazes de utilizar índice, pois o cheiro e o barulho podem indicar alguma coisa.

→ Exemplos:



A nuvem escura indica chuva.



As pegadas na areia indicam que alguém passou ali.



A febre ou a dor podem indicar doença.

Símbolo

É um signo que se refere ao objeto denotado devido a uma lei, a uma regra de interpretação. O símbolo é constituído por hábito ou **convenção**, ou seja, tem caráter arbitrário.

- ▶ Símbolo pode ser constituído por um índice. Por exemplo, se alguém diz "lá está um cachorro" e aponta para ele, trata-se de um ícone, mas se alguém vai explicar que cachorro é um animal mamífero, teremos apenas um símbolo.
- ▶ Símbolo pode ser constituído juntamente com ícone, como no caso de uma placa na porta com o desenho de uma mulher, que significa "banheiro feminino".
- ▶ Regras entre o significante e o significado devem ser aprendidas para serem interpretadas corretamente.

→ Exemplos:



Sinais matemáticos, placas de trânsito, bandeira de um país e letras são símbolos convencionais com significados arbitrários.



Estudo complementar

Entrevista com John Searle (filósofo e escritor norte-americano, professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos)

ReVEL – O que é a Filosofia da Linguagem? Como ela se relaciona com a Linguística e com a Filosofia?

Searle – A questão mais geral em Filosofia da Linguagem é a seguinte: como exatamente a linguagem se relaciona com a realidade? Quando faço barulhos com minha boca, estou tipicamente fazendo uma declaração, uma pergunta, um pedido ou uma promessa, ou estou ainda desempenhando um outro tipo de ato de fala, um tipo que Austin batizou de ato ilocucionário. Como isso é possível, já que tudo o que sai da minha boca não passa de um conjunto de sopros acústicos? Outra maneira de fazer essa mesma pergunta é assim: o que exatamente é o significado? Como um falante diz algo e torna esse algo significativo pelo que diz? Qual é o significado das palavras em uma língua, onde as palavras têm um significado convencional?

O motivo pelo qual as perguntas "como a linguagem se relaciona com a realidade?" e "o que é o significado?" são variantes da mesma questão é que a função do significado é relacionar a linguagem com a realidade.

Ao responder a essas perguntas, a Filosofia da Linguagem tem de lidar com todo um conjunto de outras questões, tais como: o que é a verdade? O que é a referência? O que é a lógica? O que são relações lógicas? O que é o uso da língua e como o uso se relaciona ao significado? E por aí vai, com um grande número de outras perguntas, tanto tradicionais como novas.

SEARLE, John. Filosofia da Linguagem: uma entrevista com John Searle. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, nº 8, março de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.



Ética

Conceitos básicos

Ética e moral

É comum, em nosso cotidiano, os conceitos de ética e moral serem usados como sinônimos; porém, no contexto filosófico, possuem significados diferentes. A finalidade da ética e da moral é semelhante, pois ambas são responsáveis por construir as bases que devem guiar a conduta humana. Para podermos compreender as teorias filosóficas que serão apresentadas nessa unidade, faz-se necessário conhecer a diferença entre ética e moral.



► **Moral:** a palavra “moral” tem origem no termo latino *morales* que significa “relativo aos costumes”. Nesse sentido, é o conjunto de princípios morais que são aplicados no cotidiano e que regem as ações dos indivíduos de uma sociedade. São os hábitos, as regras, os tabus e as convenções estabelecidas por um grupo social.

A moral diz respeito à ação moral concreta: “o que é certo ou errado?”, “o que é justo?”.

► **Ética:** a palavra “ética” vem do grego *ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter”. Por isso, a ética é entendida como uma reflexão racional sobre o fundamento dos valores morais que orientam o comportamento humano. É uma forma racional, científica e teórica da moral.

“O que é o bem?”, “o que é a justiça?”.

Sujeito ético (agente moral)

Para que haja conduta ética, é preciso que exista o sujeito ético, isto é, aquele que conhece a diferença entre o bem e o mal, entre o permitido e o proibido. As suas ações podem ser corretas ou incorretas na medida em que o sujeito ético acata ou viola as regras morais admitidas em determinada época.

Uma pessoa é considerada sujeito ético ou agente moral se atender às seguintes características:

- **ser racional:** um sujeito ético é aquele dotado de racionalidade, capaz de reflexão ética;
- **ser consciente de si e dos outros:** capaz de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele;
- **ser dotado de vontade:** a vontade é o poder de deliberação que o sujeito ético possui, é a capacidade de controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos e de decidir entre as possibilidades de ação;
- **ser responsável:** o sujeito ético responsável é aquele que se reconhece como autor da ação e assume as consequências dela sobre si e sobre os outros;
- **ser livre:** a capacidade de escolher a forma de agir mostra a liberdade do sujeito ético.

Além dessas características, o sujeito ético pode ser passivo ou ativo. O **sujeito ético passivo** é aquele que deixa os impulsos, as inclinações e as paixões governarem suas ações. Dessa forma, o indivíduo não exerce a sua própria consciência e torna-se um sujeito **heterônomo**. Já o **sujeito ético ativo** controla interiormente os seus impulsos e as suas inclinações, questiona os valores morais estabelecidos, faz uso da razão antes de agir, realiza autorreflexão e julga a si mesmo. O sujeito ético ativo é um sujeito **autônomo**.

► **Imoral:** é o indivíduo que viola as normas, que vai contra os bons costumes e as regras de conduta.

► **Amoral:** é a pessoa que não tem senso do que seja moral ou ética. A questão moral para este indivíduo é desconhecida, estranha e, portanto, ele não leva em consideração preceitos morais. É o caso, por exemplo, de algumas tribos indígenas da Amazônia, que enterram vivas as crianças que nascem com deficiência ou matam envenenadas crianças gêmeas.

Senso moral e consciência moral

Várias vezes em nossa vida somos levados por algum impulso incontrolável, por alguma emoção forte que nos faz agir de alguma forma e, depois, sentimos vergonha, culpa, remorso, etc. Surge o arrependimento e gostaríamos de voltar atrás e agir de outro modo. Esses sentimentos exprimem nosso **senso moral**.

O que podemos fazer nessas situações? A dúvida diante disso exige que tomemos a decisão do que deve ser feito, que justifiquemos as razões de nossas decisões, e fazemos isso por meio da **consciência moral**.

A consciência moral é o que nos faz ser capaz de julgar o valor dos atos e de agir em conformidade com os valores morais. Ela também se manifesta na capacidade de deliberação, por isso está relacionada à responsabilidade da ação. A consciência moral avalia se há obrigação de respeitar o que foi estabelecido, caso isso seja imoral ou injusto.



Reprodução autorizada por Alexandrie Beck

Juízo de fato, juízo de valor e juízo moral

Todo sujeito racional e ético faz afirmações acerca do mundo e julga as ações dos outros. Essas afirmações e julgamentos são denominados de juízos. Há três formas de juízos que precisamos conhecer: o juízo de fato, o juízo de valor e o juízo moral. Esse último também é considerado um juízo de valor, vamos verificar o porquê.

► **Juízo de fato:** são juízos descritivos, isto é, aqueles juízos que dizem o que as coisas são, como são e por que são.

→ Exemplos:

"Está chovendo".

"Na Segunda Guerra, houve o holocausto".

"O homem é um animal racional".

► **Juízo de valor:** pode ocorrer de duas formas: 1) como valoração, avaliação e interpretação de um acontecimento, 2) como **juízo moral ou juízo ético de valor**. No primeiro caso, estamos dando apenas uma opinião sobre algo; no segundo caso, há um conteúdo ético a ser julgado.

→ Exemplos:

Juízo de valor como valoração: "A chuva é boa para as plantas" ou "A chuva é bela", "Essa questão de filosofia é fácil".

Juízo de valor – juízo moral – normativo (aquele que nos diz como as coisas devem ou não devem ser): "Não devemos jogar lixo no chão", "O holocausto foi algo injusto", "Isso que você fez é errado".

Os juízos éticos de valor são aqueles que enunciam normas que determinam o "dever ser" de nossos sentimentos, atos e condutas. Também nos dizem o que é o bem e o mal, o justo e o injusto.

Livre-arbítrio, liberdade e determinismo

O **livre-arbítrio** é uma faculdade própria do homem que, por possuir a racionalidade, é capaz de escolher entre as várias possibilidades. Essa capacidade de escolha é dirigida pela vontade: o sujeito age de certo modo por querer e sentir a responsabilidade do ato praticado.



► **Moralidade e legalidade:** A moralidade é diferente da legalidade. Muitas vezes, elas podem coincidir. Matar e roubar é imoral, e também é contra lei. Porém, "roubar" o namorado(a) do(a) melhor amigo(a) é imoral, mas não é contra nenhuma lei.

A expressão latina *liberum arbitrium* foi utilizada pelos filósofos e teólogos cristãos na era medieval. Para **Santo Agostinho**, o livre-arbítrio é a capacidade de escolher entre o bem e o mal; é o meio pelo qual podemos julgar livremente.

O livre-arbítrio só é pleno quando não há impedimentos externos, caso contrário vamos tê-lo de forma reduzida. Por exemplo, quando agimos contra a nossa vontade, por obrigação; quando estamos sob chantagem, tortura ou pressão emocional.



Já a **liberdade** pode ser entendida como o direito de agir conforme o livre-arbítrio, desde que não prejudique outra pessoa. Filosoficamente, a liberdade é a independência do ser humano, o poder de autonomia.

Entretanto, há quem diga que a liberdade e o poder de escolha não passam de mera ilusão. Isso é o que defende o **determinismo**, doutrina que acredita na submissão da vontade humana às leis necessárias que predeterminam o comportamento, as escolhas e as situações.

A liberdade humana não existe para os deterministas, pois ela está determinada por fatores externos ou fatores internos ao indivíduo. Os fatores externos podem ser entendidos como:

- ▶ **fatalismo:** tudo o que acontece tem que ser exatamente como ocorreu;
- ▶ **naturalismo:** tudo acontece segundo imutáveis leis da natureza;
- ▶ **destino:** "tudo está escrito" por leis divinas;
- ▶ **meio:** o homem é determinado pelo meio em que vive, sem possibilidade de alterar sua maneira de ser.

Já os fatores internos podem ser:

- ▶ **emoções ou sentimentos:** somos determinados a agir de tal forma porque somos levados pela raiva, pelo amor, etc.;
- ▶ **genética:** temos genes que determinam não apenas características físicas, mas também nosso caráter, nossa personalidade e, conseqüentemente, nossa forma de ser.

Ética na antiguidade

Na Filosofia clássica, a ética não se resumia à moral, mas também buscava o fundamento teórico que indicava a melhor forma de viver e agir, ou seja, o melhor estilo de vida em sociedade e na vida privada.

Ética aristotélica



Em seu livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles desenvolveu a sua famosa ética do meio-termo, baseada na busca pela **felicidade (eudaimonia)** por meio de condutas virtuosas. O conceito de

virtude (areté) ou excelência fora herdado de seus mestres Sócrates e Platão, para os quais o homem deve ser senhor de si mesmo, senhor de seus desejos e não escravo deles.

A ética aristotélica é uma ética **teleológica**. A palavra *telos* significa fim, finalidade ou objetivo, por isso, essa ética defende que toda vida ou ação humana tende a um fim que, para Aristóteles, é atingir a felicidade. Porém, não é tão simples a atingirmos, já que, para isso, precisamos nos tornar virtuosos, agir conforme as virtudes obtidas pelo exercício habitual do caráter que se consui desde a infância.

Mas o que é a felicidade para Aristóteles? E o que é virtude ou excelência?

A **felicidade** para Aristóteles é uma atividade da alma que consiste na realização humana de obter e chegar naquilo que deseja, desenvolvendo suas virtudes e qualidades de caráter. Além disso, a felicidade:

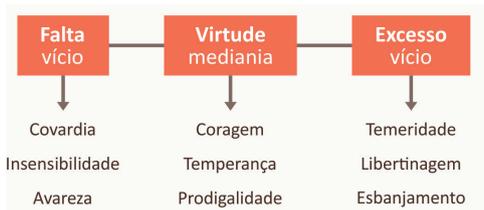
- ▶ deve estar de acordo com o pensamento;
- ▶ deve ser uma atividade com razão (*logos*), conforme a virtude;
- ▶ deve estar presente durante a vida toda e não apenas em momentos.

A **virtude** é uma disposição de fazer o bem e se aperfeiçoa com o hábito. Ela consiste na moderação, no equilíbrio, no justo meio entre dois extremos: a falta e o excesso. Aristóteles faz a diferenciação entre as virtudes intelectuais e as virtudes morais.

| Virtude intelectual ou dianoética | Virtude moral ou ética |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▶ É a virtude inerente à inteligência. ▶ Progride de acordo com a educação/ensino. ▶ É a virtude do pensamento, da racionalização. | <ul style="list-style-type: none"> ▶ É a virtude adquirida pelo hábito. ▶ Refere-se ao caráter humano, à moral. ▶ O meio termo da virtude moral é determinado pela virtude intelectual. |

Diferentemente da virtude intelectual, a **virtude moral** não é gerada em nós por natureza, ela é o resultado do hábito que nos torna capazes de praticar ações justas. O meio termo é a conduta ética guiada por um equilíbrio que o indivíduo tem em si mesmo, por isso é difícil de atingir.

No total, há doze virtudes enumeradas por Aristóteles: coragem, temperança, liberalidade, magnificência, magnanimidade, equanimidade, placidez, amabilidade, veracidade, jovialidade, pudor e justiça. Cada virtude tem, correspondentes, um vício por falta e um vício por excesso. A ação ética é, portanto, caracterizada pelo equilíbrio e a ação extremada deve ser evitada.



→ Exemplos:

▶ Com os colegas, em sala de aula, devemos sempre manter a cordialidade ou a gentileza (virtude) e não agir com irascibilidade (excesso) ou indiferença (falta).

▶ A coragem é o meio termo em relação ao sentimento de medo e de confiança. O homem corajoso é aquele que enfrenta as situações como devem ser enfrentadas, diferentemente do homem temerário, que é um simulador de coragem, e do homem covarde, que teme aquilo que não deve temer.

▶ A generosidade (prodigalidade) é uma virtude que está relacionada ao dinheiro. A pessoa generosa sente prazer em dar às pessoas certas, nas quantidades adequadas e de forma correta, aquilo que elas necessitam. A pessoa avara caracteriza-se por gostar muito de receber e muito pouco de dar. A pessoa esbanjadora sente prazer ao gastar de forma não comedida. Entretanto, o esbanjador está mais próximo da virtude do que o avaro, pois o esbanjamento pode ser corrigido com o hábito.

Hedonismo

É uma doutrina filosófica que afirma ser o **prazer** o bem supremo da vida humana. O hedonista busca prazeres imediatos e a satisfação de desejos para alcançar a felicidade. Seus principais representantes foram Aristipo de Cirene e Epicuro (que trará um hedonismo menos exagerado).

Epicurismo

Epicuro de Samos (341-270 a.C.) foi influenciado pelas ideias hedonistas, porém trouxe uma visão diferenciada: devemos procurar os prazeres de forma moderada para sermos felizes. O epicurismo prega a ideia de que prazeres exagerados geram um mal, um sofrimento que perturba a nossa alma, e de que a **felicidade só é alcançada a partir da ataraxia, isto é, a não perturbação da alma devido à fuga do sofrimento**. Por isso, o epicurismo diferencia-se do hedonismo, pois o uso de drogas, por exemplo, para um prazer imediato e instantâneo seria aprovado pelos hedonistas, mas seria condenado pelos epicuristas, já que usar drogas é fazer mal ao próprio corpo, trazendo dor e sofrimento.

Segundo Epicuro, há distinções entre os prazeres:

▶ **Prazeres naturais e necessários:** desejos de livrar o corpo da dor e da fome. Exemplos: tomar remédio, comer para sobreviver.

▶ **Prazeres naturais e não necessários:** vontade de comer alimentos mais sofisticados.

▶ **Prazeres não naturais e não necessários:** desejos que envolvem sentimentos de vaidade, orgulho e inveja.

A finalidade da filosofia de Epicuro não era meramente teórica, mas prática; ela buscava encontrar a tranquilidade necessária para uma vida feliz e agradável, na qual o medo do destino, dos deuses ou da morte estava definitivamente eliminado.

Estoicismo

Zenão de Cício (335-264 a.C.) foi o fundador do estoicismo, uma doutrina que irá influenciar a era romana com Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Para os estoicos, há uma **lei racional da natureza** que rege o universo. O ser humano, sendo parte desse universo, deve submeter-se à ordem universal, ou seja, deve viver em conformidade com a natureza, sendo orientado pela razão. Por isso, o estoicismo condena os prazeres e as emoções, pois ambas tornam o homem irracional e perturbado pelas paixões.



A ética estoica fundamenta-se na serenidade e na paciência, tendo-as como virtudes que conduzem à paz e ao controle sobre si mesmo. Assim como o hedonismo e o epicurismo, a ética estoica busca a felicidade humana, porém por caminho distinto das outras doutrinas. O ser humano é superior aos outros animais, acreditam os estoicos, por possuir *logos* e ser capaz de ultrapassar os prazeres. O homem virtuoso e feliz é justamente aquele que age de acordo com a sua natureza racional, domina suas afetações e atinge a *apathéia* (ausência de paixões).



Ética medieval

Na Idade Média, o catolicismo dominou a Europa Ocidental, construindo uma ética ligada à religião e aos dogmas cristãos. Entre as concepções filosóficas que influenciaram a ética medieval, estão as ideias de Santo Agostinho, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino.



Nesse período, houve a **subordinação da razão à fé** e da ética à moral. Surgiram conceitos cristãos como o de bondade, humildade, pecado, etc. Assim, uma vida virtuosa só podia ser alcançada pela obediência às leis divinas, desvinculadas da racionalização do mundo.

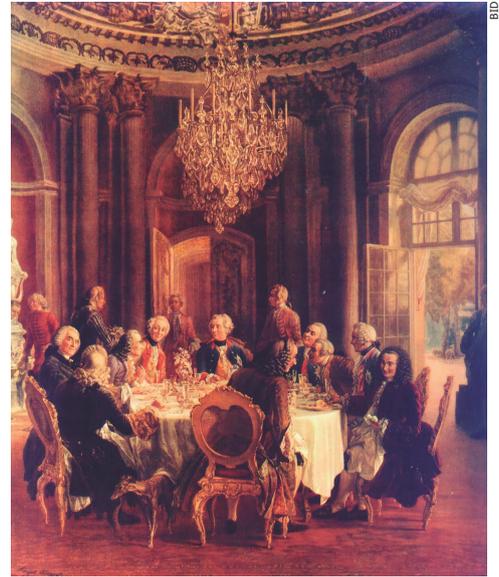
Foram feitas releituras das ideias filosóficas de Platão e Aristóteles, modificando a maneira de ver o mundo e a existência humana. Nesse contexto, o mundo sensível e inteligível platônico foram reinterpretados e identificados com a vida mundana e o céu, com a verdade sendo contemplada por meio da fé em Deus.

- ▶ **Santo Agostinho:** para ele, a razão é guiada ao verdadeiro conhecimento por meio da fé, pois a verdade é revelada por Deus.
- ▶ **Tomás de Aquino:** conciliou fé e razão e acreditava que o caminho para a felicidade era projetado pelo justo equilíbrio divino. A aceitação da vontade de Deus permitiria atingir a felicidade plena.
- ▶ **Santo Anselmo:** segundo ele, a educação seria o meio de vencer o ceticismo e doutrinar o homem na fé cristã. Tinha a crença de que os princípios morais seriam intuitivamente autoevidentes, o que condicionava as ações à vontade divina.

Ética na era moderna

A Ética voltou a ser entendida como a busca pela felicidade coletiva, retomando o sentido grego, vinculado à política. Por isso, as ideias religiosas começaram a perder força, já que a ética se sobrepõe à moral, na tentativa de universalizar princípios morais sociais. Com o final da Idade Média, marcado pelo Renascimento, houve uma retomada do humanismo que, no campo da ética, orientou uma nova concepção moral, centrada na autonomia da razão. Posteriormente, essa autono-

mia do homem fica mais evidente no Iluminismo, pois os filósofos passam a defender uma moral fundamentada em valores oriundos da razão e da compreensão da natureza humana.



Exemplo das discussões políticas e científicas realizadas em mesas-redondas nos séculos XVII e XVIII. Obra de Adolph Menzel (1815-1905).

Ética kantiana

Quais são as normas que podem guiar os seres racionais independentemente da sua cultura? Quais são os princípios que podem ser universalizados? "O que podemos fazer?". Refletindo sobre isso, Kant nos trouxe uma ética estritamente racional, *a priori*, pois é fundamentada pela **razão prática**. A moral kantiana é uma moral racional, e o homem é o criador dos valores morais que dirigem a sua conduta. Em sua obra *Crítica da razão prática*, Kant se questionou "o que podemos fazer" e, já que só o homem, na natureza, age segundo princípios, podemos dizer que só ele tem a capacidade de escolha, logo só ele tem vontade.

Kant afirma que a capacidade de distinguir o que é certo do que é errado é tão inata quanto as outras propriedades da razão. Não se trata, portanto, de ensinar nada, mas de libertar a razão.

A ética kantiana é **deontológica**, isto é, é uma ética na qual a boa ação é aquela que cumpre um dever. Para Kant, o **dever** é o ponto central da moralidade e está vinculado aos conceitos de intenção e boa vontade.

Segundo Kant, todo ser humano possui dignidade, ou seja, todo ser humano é um fim em si mesmo e não pode ser tratado como meio para atingir um fim. O ser humano é diferente dos outros objetos que podem ser usados e descartados, pois é um ser racional, autônomo e livre.



A dignidade humana é percebida nas seguintes características:

- ▶ **racionalidade:** capacidade de reflexão sobre as condutas;
- ▶ **autonomia:** capacidade de formular racionalmente suas normas;
- ▶ **consciência moral (razão prática):** aquilo que orienta as ações e dá um valor para a ação de acordo com sua intenção e boa vontade.

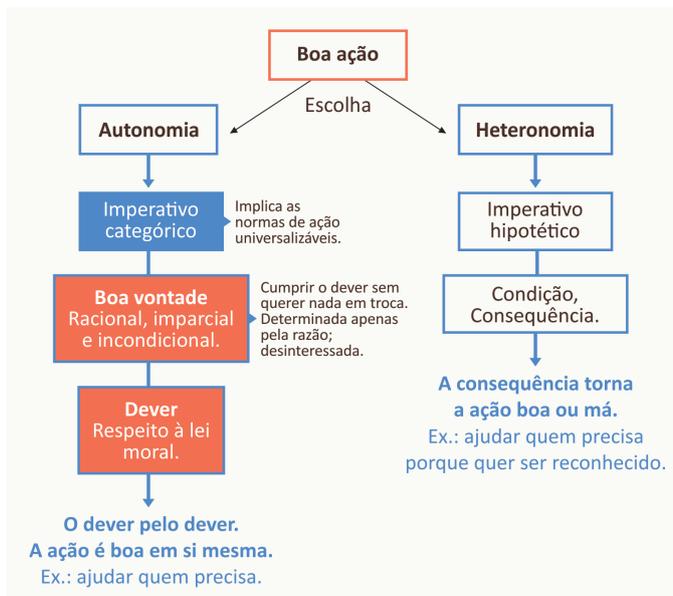
A **intenção** da boa ação é agir, de boa vontade, de acordo com aqueles atos que podem se tornar leis universais, ou seja, que podem guiar todos os seres racionais. Pensando na natureza falha da razão humana, Kant propôs que os imperativos passassem a guiar o agir. **Os imperativos são regras que norteiam a vida racional de forma normativa.**

Todo imperativo impõe-se como dever, mas é assumido como tal pelo sujeito que o autodetermina. Há dois tipos de imperativos:

| Imperativo hipotético | Imperativo categórico |
|--|--|
| A ação é realizada como meio para alcançar outra coisa que se queira. Assim, a ação é boa porque possibilita o alcance de algo que está além dela. → Exemplo: agir tendo em vista benefícios como atingir a felicidade, buscar o prazer, o sucesso, etc. | A ação é necessária por si mesma, é boa em si mesma e não por ter um objetivo. É uma ação incondicional, voltada para o cumprimento de um dever. Agir de acordo com as máximas que possam se tornar leis universais, essa é a regra do imperativo categórico. |

- ▶ A vontade humana é moral quando regida por imperativos categóricos.
- ▶ O imperativo categórico torna padrão o comportamento que seria aprovado como correto em qualquer caso e por qualquer pessoa.
- ▶ Esse imperativo relaciona os conceitos de liberdade, responsabilidade e igualdade.
- ▶ Está ligado ao "dever ser" de toda pessoa.

Mas o que é o **dever**? É a necessidade de agir em conformidade com a lei. O valor moral da ação não está em qualquer fim a ser atingido, mas no motivo (intenção) quando esse motivo é o dever.

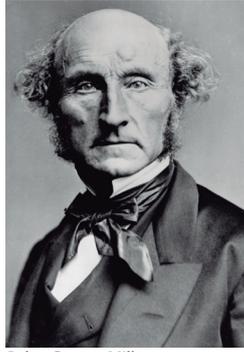


Em resumo, a ética kantiana é formalista porque postula o dever como norma universal, sem preocupação em estabelecer o bem ou o fim que tenha de ser alcançado. Kant nos dá a forma geral da ação moralmente correta, vazia de conteúdo, não nos diz o que devemos fazer em cada situação, pois o que interessa é a intenção, a coerência entre ação e lei moral.



Utilitarismo

O utilitarismo é uma ética que teve origem nos séculos XVIII e XIX nas obras de filósofos e economistas. Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) são os principais nomes ligados às ideias utilitaristas, porém o segundo traz uma visão renovada do utilitarismo do primeiro.



John Stuart Mill.

A ética utilitarista denominada **"consequencialista"** é uma ética voltada para valores pragmáticos, o que significa que a ação deve ser avaliada conforme o seu resultado. Cada indivíduo deseja a felicidade individual, mas o bem-estar de todos é um bem para a totalidade dos seres humanos.

Princípio do utilitarismo

O princípio de utilidade ou maior felicidade sustenta que uma ação é moralmente correta se tende a promover a felicidade ou o bem e incorreta se produz a infelicidade ou o sofrimento, não só para o agente da ação, mas também a todos os afetados por ela.

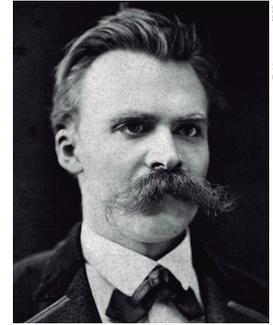
No cálculo do bem-estar, deve-se avaliar as vantagens e as desvantagens das possibilidades de ação, levando em conta o grau de satisfação ou insatisfação que será produzido. Dessa forma, o que é levado em conta é o saldo de bem-estar em uma situação de todos os afetados por ela (princípio da agregação). Assim, **é considerado válido prejudicar uma minoria para aumentar o bem-estar geral.**

É importante ressaltar que o utilitarismo busca a imparcialidade e o universalismo na medida em que o prazer e o sofrimento de cada indivíduo são considerados no cálculo do bem-estar.

Ética contemporânea

A filosofia afirmativa da vida – Nietzsche

Nietzsche (1844-1900) era ferrenho crítico dos sistemas morais, políticos, econômicos e, sobretudo, religiosos. Definia o homem a partir da sua capacidade de romper com a estrutura moral vigente e construir seu próprio sistema moral. O homem que assim o fizesse é chamado por ele de "Super-Homem" e estaria acima do bem e do mal.



Friedrich Wilhelm Nietzsche.

Em sua obra *Genealogia da moral*, Nietzsche procura desmascarar os valores tradicionais construídos e detectar como conceitos foram transformados em verdades absolutas.

O **niilismo**, como denúncia do vazio de sentido, é atribuído à moral decadente dos valores tradicionais que acomodaram o ser humano na mediocridade. Por isso, é preciso a transvaloração dos valores, ou seja, é necessário romper com a moral cristã e a tradição grega, pois essa moral é a "moral de rebanho" fundamentada na culpa, no remorso e na repressão dos impulsos vitais. Por isso, a ética deve se fundamentar a partir da vontade, da sensibilidade, do instinto, sem negar a vida.

- ▶ **Moral de escravos:** pensamento socrático-platônico-cristão – subjugação dos instintos à razão.
- ▶ **Moral dos senhores:** moral positiva – afirmação e conservação da vida e dos instintos fundamentais.

Existencialismo

Existencialismo é um termo aplicado a uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que tinham a crença que o pensamento filosófico começa com o sujeito humano e com as suas ações, sentimentos e a vivência de um ser humano individual. A existência humana é baseada nas angústias e no desespero. A partir da autonomia moral e existencial, fazemos escolhas na vida construímos a nossa essência e criamos nosso próprio projeto de vida. Nesse caso, toda escolha implicará numa pedra ou em várias, dentre muitas possibilidades que nos são colocadas.

Jean-Paul Sartre é um dos principais filósofos dessa vertente. Ele tem como preocupação a condição do homem enquanto ser ético e como ele contrói a sua conduta. Em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, ele apresenta a ideia de humanismo vinculada ao pensamento político e religioso e, também, mostra o vínculo do humanismo em relação à liberdade e a condição do homem como ser livre e responsável por suas ações. Assim, para os existencialistas, a **liberdade de escolha** e a responsabilidade por ela são os motivos geradores da relação existencial entre os indivíduos.

Ética Aplicada – Ética da Responsabilidade – Bioética

A partir da primeira metade do século XX, a discussão sobre a moral foi direcionada por acontecimentos que mudariam o rumo das questões éticas. As duas guerras mundiais trouxeram o questionamento sobre o uso de armas de destruição em massa, assim, cresceu o número de pessoas, incluindo cientistas e filósofos, que passaram a se preocupar com os efeitos, nem sempre favoráveis, do uso das modernas tecnologias. Na década de 1960, muitas discussões envolvendo os direitos civis das minorias excluídas da sociedade, o perigo da manipulação genética, a degradação ambiental, a pobreza, a inclusão social e o sofrimento animal geraram um diálogo multidisciplinar, incluindo a opinião de teóricos da Medicina, da Biologia, da Antropologia, da Filosofia, da Teologia, da Sociologia, da Economia, do Direito, etc.

A Ética Aplicada expandiu o conceito de **responsabilidade**. Agora a responsabilidade não se restringe à relação intersubjetiva, mas está relacionada aos agentes morais e coletivos, tais como: comunidades, governos, empresas, instituições, grupos sociais.

Bioética

A Bioética está envolvida por debates, conflitos e controvérsias morais praticadas no âmbito das ciências biológicas e da saúde. **Questões que envolvem a vida humana, animal e ambiental** são temas da Bioética, como a clonagem, o aborto, a eutanásia, os transgênicos, a responsabilidade moral de cientistas em suas pesquisas e aplicações, etc.

Hans Jonas (1903-1993)

Seu trabalho envolve os problemas éticos sociais criados pela tecnologia. Ele apresenta o Princípio da Responsabilidade que traz a ideia de que devemos ser responsáveis pelo cuidado do planeta para que as próximas gerações não tenham a vida comprometida.

Peter Singer

A posição de Peter Singer (1946) é basicamente utilitarista, ou seja, a sua preocupação está na realização de atos que buscam as consequências menos sofríveis e mais prazerosas. Nas obras *Ética Prática* e *Libertação Animal*, Singer aborda o tema dos direitos



Peter Singer.

dos animais e expõe sua defesa aos animais frente à ideia de superioridade da espécie humana.

A sua argumentação é contra o **especismo**, isto é, a discriminação de seres de outra espécie que não seja a espécie humana. O especismo gera a ideia de que o ser humano pode fazer aquilo que bem entender com os animais não humanos, não importando a dor e o sofrimento causados a esses animais. Para Singer, todos os seres são capazes de sofrer e, por isso, devem ter seus interesses considerados de forma igualitária. Dessa forma, o uso de animais em experimentos científicos e para alimentação é injustificável, já que cria um sofrimento desnecessário.

Singer não considera a raça humana superior às demais do reino animal. Para ele, a ditadura humana sobre os demais animais é completamente infundada e abusiva. O filósofo tece críticas ferrenhas contra a utilização de animais em experiências e afirma ainda que, se um animal pode ser usado para tais feitos, certamente um deficiente mental também o pode, e ainda com maiores chances de sucesso. Entretanto, o filósofo australiano acredita que algumas experiências com animais poderão ser realizadas se o benefício for maior que o mal causado aos animais envolvidos.



Na Bioética o tipo de conduta a ser tomada com os animais em pesquisas é alvo de discussão.



Em relação à indústria alimentícia, Singer deixa claro que isso é uma crueldade em massa, pois os animais em cativeiros, muitas vezes, não vivem em condições adequadas, já que milhares de animais habitam pequenos espaços, ficando mais vulneráveis às doenças.



Altruísmo eficaz

Peter Singer nos traz uma preocupação com a situação da pobreza mundial. O autor afirma que a injustiça de algumas pessoas viverem em abundância enquanto outras morrem de fome não pode ser defendido de forma moral. Em sua obra *A vida que podemos salvar: agir agora para pôr fim à pobreza no mundo*, Singer defende que todos os seres humanos podem salvar vidas, por exemplo, fazendo doações para entidades que ajudem na minimização da pobreza e outros males sociais existentes no mundo.

Para isso, todos devem exercer o altruísmo eficaz, isto é, todos devem pensar nas possibilidades de ação e agir de acordo com aquela ação que gere o **maior impacto positivo**.

A ética discursiva de Habermas

Jürgen Habermas (1929) é membro da Escola de Frankfurt e tem uma vida dedicada ao estudo da democracia, do agir comunicativo em políticas deliberativas e na esfera pública.

A teoria de Habermas é baseada na tentativa de mostrar um modo reflexivo de comunicação intersubjetiva para a solução de conflitos normativos de ordem moral. Relacionando lógica, linguagem e ética, o filósofo valoriza o uso da linguagem voltado para a busca de um entendimento que seja livre de coerções e violências. É preciso que os participantes do diálogo sejam vistos pelo viés da igualdade e da moralidade, ou seja, os parceiros de discussão sobre leis e questões do interesse coletivos devem ser vistos como iguais e considerados dignos de serem ouvidos. Nessa reflexão coletiva, as normas morais se tornam válidas a partir do acordo racional.



Jürgen Habermas durante uma discussão na Escola de Filosofia, em Munique – Alemanha.

A **Escola de Frankfurt** nasceu em 1924 e reuniu um círculo de filósofos e cientistas sociais de ideais marxistas que formularam a *Teoria Crítica da Sociedade*, preocupando-se com o contexto social e cultural do surgimento de teorias e valores do mundo da sociedade industrial avançada. Seus principais integrantes eram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm, Jürgen Habermas, entre outros.

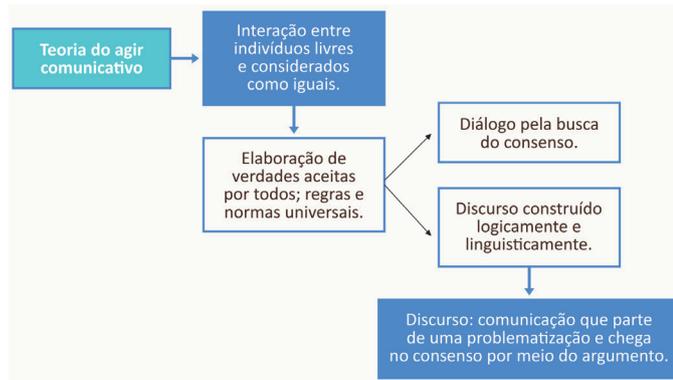
Teoria do Agir comunicativo

Nessa teoria, Habermas elaborou a **razão comunicativa** que se opõe à razão instrumental. A diferença entre esses dois tipos de racionalidade é: a primeira diz respeito ao mundo do trabalho, no qual a ação visa aos fins; a segunda diz respeito ao mundo da vida e às regras sociais buscadas pelo consenso e pela concordância pelo diálogo sem dominação, visando ao bem-estar de cada um.

A ideia de razão comunicativa irá fundamentar a ética discursiva que tem como finalidade o **consenso**. Mas como isso seria possível? Em meio aos argumentos apresentados na discussão coletiva, quando o consenso é alcançado, chega-se na verdade, a partir das proposições validadas no processo lógico-argumentativo.

O objetivo da ética discursiva não é prometer uma vida feliz ao indivíduo, mas a **validade da norma**, construída pela coletividade por meio de acordo entre as partes individuais.

Assim como Kant, Habermas pretende chegar em leis universais, porém não mediante reflexão isolada do sujeito, mas a partir da interação de indivíduos livres e da elaboração de verdades aceitas pelo grupo.



Para Habermas, as pessoas que falam em vistas ao entendimento pressupõem três pretensões de validade universal:

- ▶ a veracidade da intenção de quem fala (veracidade);
- ▶ a pretensão de que o conteúdo seja verdadeiro (verdade);
- ▶ a pretensão de que o ato da fala seja correto em relação ao contexto normativo (justiça).

Veracidade – Verdade – Justiça → Razão comunicativa

Dessa forma, fica claro que na Ética Discursiva não há espaço para mentiras políticas ou coisas afins. No discurso ético, não é permitido excluir ou diminuir ninguém, nem usar artimanhas retóricas. A sentença não é feita por um único indivíduo, mas na concordância de todos os implicados. Assim, o discurso é democrático, pois envolve a todos em uma comunicação sincera, moral e sem coerção.

Na discussão, é preciso guiar a razão prática para que a ação esteja em conformidade com as regras. Há três maneiras de usar a razão:

- ▶ **uso pragmático:** consiste em encontrar meios adequados para atingir o fim da ação;
- ▶ **uso ético:** consiste em pensar em 1ª pessoa; é uma autorreflexão. Quem somos? Quem queremos ser?;
- ▶ **uso moral:** consiste em pensar na 3ª pessoa; determinar os deveres que os seres livres e racionais têm uns com os outros. Quais normas tratarão todos com respeito e igualdade?



Estudo complementar

Vejam os trechos abaixo, de obras filosóficas, que contêm a ideia principal de cada pensador.

“Estou falando da excelência moral, pois é esta que se relaciona com as emoções e ações, e nestas há excesso, falta e meio termo. Por exemplo, pode-se sentir medo, confiança, desejos, cólera, piedade, e, de um modo geral, prazer e sofrimento, demais ou muito pouco, e, em ambos os casos, isto não é bom: mas experimentar estes sentimentos no momento certo, em relação aos objetos certos e às pessoas certas, e de maneira certa, é o meio termo e o melhor, e isto é característico da excelência. Há também, da mesma forma, excesso, falta e meio termo em relação às ações. Ora, a excelência moral se relaciona com as emoções e as ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio termo é louvado como um acerto; ser louvado e estar certo são características da excelência moral.”

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Mário Gama Kury. 4ª ed. Brasília: UNB, 2001.

“Os homens conservam a sua vida conforme ao dever, sem dúvida, mas não por dever. Em contraposição, quando as contrariedades e o desgosto sem esperança roubaram totalmente o gosto de viver, quando o infeliz, com fortaleza de alma, mais enfadado do que desalentado ou abatido, deseja a morte, e conserva contudo a vida sem a amar, não por inclinação ou medo, mas por dever, então a sua máxima tem um conteúdo moral. [...] só a lei traz consigo o conceito de uma necessidade incondicionada, objetiva e conseqüentemente de validade geral, e mandamentos são leis a que tem de se obedecer, quer dizer que se têm de seguir mesmo contra a inclinação. [...] aquilo que deve ser moralmente bom não basta que seja conforme à lei moral, mas tem também que cumprir-se por amor dessa mesma lei; caso contrário, aquela conformidade será apenas muito contingente e incerta, porque o princípio imoral produzirá na verdade de vez em quando ações conforme à lei moral, mas mais vezes ainda ações contrárias a essa lei.”

KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

“Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos dever ser. [...] Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para toda a época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade.”

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.



HABILIDADES À PROVA 1

» História da Filosofia Ocidental, Lógica e Filosofia da Linguagem

○ 1. (ENEM) Advento da *Polis*, nascimento da filosofia: entre as duas ordens de fenômenos, os vínculos são demasiado estreitos para que o pensamento racional não apareça, em suas origens, solidário das estruturas sociais e mentais próprias da cidade grega. Assim recolocada na história, a filosofia despoja-se desse caráter de revelação absoluta que às vezes lhe foi atribuído, saudando, na jovem ciência dos jônios, a razão intemporal que veio encarnar-se no Tempo. A escola de Mileto não viu nascer a Razão; ela construiu uma Razão, uma primeira forma de racionalidade. Essa razão grega não é a razão experimental da ciência contemporânea.

VERNANT, J. P. Origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Os vínculos entre os fenômenos indicados no trecho foram fortalecidos pelo surgimento de uma categoria de pensadores, a saber:

- a) Os epicuristas, envolvidos com o ideal de vida feliz.
- b) Os estoicos, dedicados à superação dos infortúnios.
- c) Os sofistas, comprometidos com o ensino da retórica.
- d) Os peripatéticos, empenhados na dinâmica do ensino.
- e) Os poetas rapsodos, responsáveis pela narrativa do mito.

○ 2. (ENEM) Empédocles estabelece quatro elementos corporais – fogo, ar, água e terra –, que são eternos e que mudam aumentando e diminuindo mediante mistura e separação; mas os princípios propriamente ditos, pelos quais aqueles são movidos, são o Amor e o Ódio. Pois é preciso que os elementos permaneçam alternadamente em movimento,

SIMPLÍCIO. Física, 25, 21. In: Os pré-socráticos. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

O texto propõe uma reflexão sobre o entendimento de Empédocles acerca da *arché*, uma preocupação típica do pensamento pré-socrático, porque

- a) exalta a investigação filosófica
- b) transcende ao mundo sensível
- c) evoca a discussão cosmogônica.
- d) fundamenta as paixões humanas.
- e) corresponde à explicação mitológica.

○ 3. (ENEM) O que implica o sistema da *pólis* é uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. A palavra constitui o debate contraditório, a discussão, a argumentação e a polêmica. Torna-se a regra do jogo intelectual, assim como do jogo político.

VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992 (adaptado).

Nas configurações políticas da democracia grega, em especial a ateniense, a *ágora* tinha por função:

- a) agregar os cidadãos em torno de reis que governavam em prol da cidade.
- b) permitir aos homens livres o acesso às decisões do Estado expostas por seus magistrados.

c) constituir o lugar onde o corpo de cidadãos se reunia para deliberar sobre as questões da comunidade.

d) reunir os exércitos para decidir em assembleias fechadas os rumos a serem tomados em caso de guerra.

e) congregar a comunidade para eleger representantes com direito a pronunciar-se em assembleias.

○ 4. (ENEM) Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo – terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo –, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir à existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.

DIÓGENES. In: BORNHEIM, G. A. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1967.

O texto descreve argumentos dos primeiros pensadores, denominados pré-socráticos. Para eles, a principal preocupação filosófica era de ordem:

- a) cosmológica, propondo uma explicação racional do mundo fundamentada nos elementos da natureza.
- b) política, discutindo as formas de organização da *pólis* ao estabelecer as regras da democracia.
- c) ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores virtuosos, que tem a felicidade como o bem maior.
- d) estética, procurando investigar a aparência dos entes sensíveis.
- e) hermenêutica, construindo uma explicação unívoca da realidade.

○ 5. (ENEM) Aquilo que é quente necessita de umidade para viver, e o que é morto seca, e todos os germes são úmidos, e todo alimento é cheio de suco; ora, é natural que cada coisa se nutra daquilo de que provém.

SIMPLÍCIO. In: BORNHEIM, G. A. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1993.

O fragmento atribuído ao filósofo Tales de Mileto é característico do pensamento pré-socrático ao apresentar uma

- a) abordagem epistemológica sobre o lógos e a fundamentação da metafísica.
- b) teoria crítica sobre a essência e o método do conhecimento científico.
- c) justificação religiosa sobre a existência e as contradições humanas.
- d) elaboração poética sobre os mitos e as narrativas cosmogônicas.
- e) explicação racional sobre a origem e a transformação da *physis*.



○ **6. (ENEM)** Demócrito julga que a natureza das coisas eternas são pequenas substâncias infinitas, em grande número. E julga que as substâncias são tão pequenas que fogem às nossas percepções. E lhes são inerentes formas de toda espécie, figuras de toda espécie e diferenças em grandeza. Destas, então, engendram-se e combinam-se todos os volumes visíveis e perceptíveis.

SIMPLÍCIO. Do Céu (DK 68 a 37). In: Os pré-socráticos. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (adaptado).

A Demócrito atribui-se a origem do conceito de:

- a) porção mínima da matéria, o átomo.
- b) princípio móvel do universo, a arché.
- c) qualidade única dos seres, a essência.
- d) quantidade variante da massa, o corpus.
- e) substrato constitutivo dos elementos, a physis.

○ **7. (ENEM)**

Texto I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por feltragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. A aurora da filosofia grega. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006 (adaptado).

Texto II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: "Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha."

GILSON, E.; BOEHNER, P. História da Filosofia Cristã. São Paulo: Vozes, 1991 (adaptado).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que:

- a) eram baseadas nas ciências da natureza.
- b) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- c) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- d) postulavam um princípio originário para o mundo.
- e) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

○ **8. (ENEM)** A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-lo a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: *Tudo é um*.

NIETZSCHE, F. Crítica moderna. In: Os pré-socráticos. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

○ **9. (ENEM)** "Numa época de revisão geral, em que valores são contestados, reavaliados, substituídos e muitas vezes recriados, a crítica tem papel preponderante. Essa, de fato, é uma das principais características das Luzes, que, recusando as verdades ditadas por autoridades, submetem tudo ao crivo da crítica."

KANT, I. O julgamento da razão. In: ABRÃO, B. S. (Org.) História da Filosofia. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O Iluminismo tece críticas aos valores estabelecidos sob a rubrica da autoridade e, nesse sentido, propõe:

- a) a defesa do pensamento dos enciclopedistas que, com seus escritos, mantinham o ideário religioso.
- b) o estímulo da visão reducionista do humanismo, permeada pela defesa de isenção em questões políticas e sociais.
- c) a consolidação de uma visão moral e filosófica pautada em valores condizentes com a centralização política.
- d) a manutenção dos princípios da metafísica, dando vastas esperanças de emancipação para a humanidade.
- e) o incentivo do saber, eliminando superstições e avançando na dimensão da cidadania e da ciência.

Anotações:



○ 10. (ENEM)

Texto I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. Fragmentos (Sobre a natureza). São Paulo: Abril Cultural, 1996 (adaptado).

Texto II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. Da natureza. São Paulo: Loyola, 2002. Adaptado.

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das:

- a) investigações do pensamento sistemático.
- b) preocupações do período mitológico.
- c) discussões de base ontológica.
- d) habilidades da retórica sofística.
- e) verdades do mundo sensível.

○ 11. (ENEM) Desde que tenhamos compreendido o significado da palavra "Deus", sabemos, de imediato, que Deus existe. Com efeito, essa palavra designa uma coisa de tal ordem que não podemos conceber nada que lhe seja maior. Ora, o que existe na realidade e no pensamento é maior do que o que existe apenas no pensamento. Donde se segue que o objeto designado pela palavra "Deus", que existe no pensamento, desde que se entenda essa palavra, também existe na realidade. Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

TOMÁS DE AQUINO. Suma teológica. Rio de Janeiro: Loyola, 2002

O texto apresenta uma elaboração teórica de Tomás de Aquino caracterizada por:

- a) reiterar a ortodoxia religiosa contra os heréticos.
- b) sustentar racionalmente doutrina alicerçada na fé.
- c) explicar as virtudes teológicas pela demonstração.
- d) flexibilizar a interpretação oficial dos textos sagrados.
- e) justificar pragmaticamente crença livre de dogmas.

○ 12. (ENEM) Enquanto o pensamento de Santo Agostinho representa o desenvolvimento de uma filosofia cristã inspirada em Platão, o pensamento de São Tomás reabilita a filosofia de Aristóteles – até então vista sob suspeita pela Igreja –, mostrando ser possível desenvolver uma leitura de Aristóteles compatível com a doutrina cristã. O aristotelismo de São Tomás abriu caminho para o estudo da obra aristotélica e para a legitimação do interesse pelas ciências naturais, um dos principais motivos do interesse por Aristóteles nesse período.

MARCONDES, D. Textos básicos de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

A Igreja Católica, por muito tempo, impediu a divulgação da obra de Aristóteles pelo fato de a obra aristotélica:

- a) valorizar a investigação científica, contrariando certos dogmas religiosos.
- b) declarar a inexistência de Deus, colocando em dúvida toda a moral religiosa.
- c) criticar a Igreja Católica, instigando a criação de outras instituições religiosas.
- d) evocar pensamentos de religiões orientais, minando a expansão do cristianismo.
- e) contribuir para o desenvolvimento de sentimentos antirreligiosos, seguindo sua teoria política.

○ 13. (ENEM) "A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto."

GALILEI, G. O ensaiador. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da Revolução Científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a:

- a) continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
- b) necessidade de o estudo linguístico ser acompanhado do exame matemático.
- c) oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
- d) importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
- e) inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

Anotações:



○ **14. (ENEM)** Os sofistas inventam a educação em ambiente artificial, o que se tornará uma das características de nossa civilização. Eles são os profissionais do ensino, antes de tudo pedagogos, ainda que seja necessário reconhecer a notável originalidade de um Protágoras, de um Górgias ou de um Antifonte, por exemplo. Por um salário, eles ensinavam a seus alunos receitas que lhes permitiam persuadir os ouvintes, defender, com a mesma habilidade, o pró e o contra, conforme o entendimento de cada um.

HADOT, P. O que é a filosofia antiga? São Paulo: Loyola, 2010 (adaptado).

O texto apresenta uma característica dos sofistas, mestres da oratória que defendiam a(o)

- a) ideia do bem, demonstrado na mente com base na teoria da reminiscência.
- b) relativismo, evidenciado na convencionalidade das instituições políticas.
- c) ética, aprimorada pela educação de cada indivíduo com base na virtude.
- d) ciência, comprovada empiricamente por meio de conceitos universais.
- e) religião, revelada pelos mandamentos das leis divinas.

○ **15. (ENEM)** Sem dúvida, os sons da voz (phone) exprimem a dor e o prazer; também a encontramos nos animais em geral; sua natureza lhes permite somente sentir a dor e o prazer e manifestar-lhes entre si. Mas o lógos é feito para exprimir o justo e o injusto. Este é o caráter distintivo do homem face a todos os outros animais: só ele percebe o bem e o mal, o justo e o injusto, e os outros valores; é a posse comum desses valores que faz a família e a cidade.

ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (adaptado).

Para o autor, a característica que define o ser humano é o lógos, que consiste na

- a) evolução espiritual da alma.
- b) apreensão gradual da verdade.
- c) segurança material do indivíduo.
- d) capacidade racional de discernir.
- e) possibilidade eventual de transcender.

○ **16. (ENEM)** A humanidade, a humanidade do homem, ainda é um conceito completamente novo para o filósofo que não cochila em pé. A velha questão do próprio homem continua por ser inteiramente reelaborada, não apenas em relação às ciências do vivo, não apenas em relação ao que se nomeia com essa palavra geral, homogênea e confusa, o animal, mas em relação a todos os traços que a metafísica reservou ao homem e que nenhum deles resiste à análise.

DERRIDA, J. Papel-máquina. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

No trecho, caracteriza-se o seguinte tema fundamental do pensamento filosófico contemporâneo:

- a) Crise do sujeito.
- b) Relativismo ético.
- c) Virada linguística.
- d) Teoria da referência.
- e) Crítica à tecnociência.

○ **17. (ENEM) Sócrates:** “Quem não sabe o que uma coisa é, como poderia saber de que tipo de coisa ela é? Ou te parece ser possível alguém que não conhece absolutamente quem é Mênon, esse alguém saber se ele é belo, se é rico e ainda se é nobre? Parece-te ser isso possível? Assim, Mênon, que coisa afirmas ser a virtude?”

PLATÃO. Mênon. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001 (adaptado).

A atitude apresentada na interlocução do filósofo com Mênon é um exemplo da utilização do(a)

- a) escrita epistolar.
- b) método dialético.
- c) linguagem trágica.
- d) explicação fiscalista.
- e) suspensão judicativa.

○ **18. (ENEM 2023)** Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação.

ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

A descrição crítica do personagem de Machado de Assis assemelha-se às características dos sofistas, contestados pelos filósofos gregos da Antiguidade, porque se mostra alinhada à

- a) elaboração conceitual de entendimentos.
- b) utilização persuasiva do discurso.
- c) narração alegórica dos rapsodos.
- d) investigação empírica da physis.
- e) expressão pictográfica da pólis.

Anotações:



○ 19. (INEP) Considerando-se conhecimentos de lógica e de história da filosofia, analise os itens seguintes.

- I. Todos os médicos são mortais.
- II. Platão, autor da *República*, é mortal.
- III. Platão é médico.

É correto afirmar que o item III, no contexto acima, é:

- a) uma proposição falsa.
- b) um argumento silogístico.
- c) um argumento válido.
- d) uma proposição inválida.
- e) um sofisma.

○ 20. (ENEM) É interessante que isso aconteça para que os professores e crianças discutam e argumentem. Essa argumentação é a grande formação de cidadania: pensar e refletir para validar respostas e conhecimentos, não apenas pedir que o aluno aceite. Nós decoramos a propriedade que diz que a ordem dos fatores não altera o produto. Mas esse conhecimento é sem valor se não for conclusão de algo que se construiu, que levou o aluno a entender que dois multiplicado por três é o mesmo que três multiplicado por dois. Essa é a conclusão de conhecimento construído por outro que não deve ser ensinada nem aceita como conhecimento pronto. Alunos e professores devem ter argumentos para respaldar os caminhos de matemática. Esse exercício é fundamental para formar cidadãos que saibam questionar fatos, determinações e deveres e que saibam argumentar sobre seus direitos.

Diário do Grande ABC, 14.11.03, p. 3, adaptado.

O texto anterior oferece um argumento a favor da importância do raciocínio lógico na formação da cidadania. Sobre este argumento é correto afirmar que:

- a) relaciona os conhecimentos adquiridos na escola com premissas de raciocínios válidos.
- b) afirma que as conclusões dos raciocínios das crianças importam mais do que conhecimentos acabados.
- c) é um argumento por analogia, pois este está baseado na semelhança entre alunos e professores.
- d) considera a matemática desnecessária para o exercício da cidadania.
- e) nega que a validade dos argumentos possa ser exercitada entre alunos e professores.

○ 21. (INEP) Avalie os seguintes argumentos:

I

P1: Toda vez que chove o chão fica molhado.

P2: O chão está molhado.

Choveu.

II

P1: Todo felino é mortal.

P2: Todo gato é mortal.

Todo gato é felino.

III

P1: Nenhum cachorro é alado.

P2: Algum alado é pássaro.

Algum cachorro não é pássaro.

IV

P1: Todo homem é mortal.

P2: Algum animal é homem.

Algum animal é mortal.

V

P1: Nenhum ouro é vil.

P2: Nenhuma prata é ouro.

Nenhuma prata é vil.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e III.
- b) II e IV.
- c) II e V.
- d) III e IV.
- e) IV e V.

○ 22. (INEP) Um professor afirma que o filósofo X é um grande pensador cuja obra é mais relevante que a do filósofo Y porque as pessoas que têm realmente conhecimento do que é a filosofia preferem o filósofo X. Em seguida, ao responder a dúvida de um aluno a respeito das pessoas que teriam realmente conhecimento do que é a filosofia, afirma que elas podem ser identificadas por preferirem o pensador X ao Y.

Este é um exemplo de raciocínio circular, o qual se convencionou chamar de petição de princípio, e é caracterizado por ser formalmente:

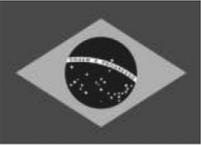
- a) inválido e falso.
- b) inválido e incapaz de estabelecer a verdade de sua conclusão.
- c) inválido, mas capaz de estabelecer a verdade de sua conclusão.
- d) válido e capaz de estabelecer a verdade de sua conclusão.
- e) válido, mas incapaz de estabelecer a verdade de sua conclusão.

Anotações:



○ 23. (ENEM) Os signos visuais, como meios de comunicação, são classificados em categorias de acordo com seus significados. A categoria denominada *indício* corresponde aos signos visuais que têm origem em formas ou situações naturais ou casuais, as quais, devido à ocorrência em circunstâncias idênticas, muitas vezes repetidas, indicam algo e adquirem significado. Por exemplo, nuvens negras indicam tempestade.

Com base nesse conceito, escolha a opção que representa um signo da categoria dos indícios.

- a) 
- b) 
- c) 
- d) 
- e) 

○ 24. (INEP) Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que existe? – Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.

WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. § 116. Tradução de José Carlos Bruni. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 55. Adaptado.

Das ideias apresentadas no texto acima, infere-se que, para Wittgenstein, a função dos filósofos é fazer uma análise da linguagem:

- a) reconduzindo as palavras ao seu emprego metafísico, perdido no uso cotidiano.
- b) buscando a essência das palavras, para fazer uma crítica da linguagem cotidiana.
- c) intuindo as essências das palavras da linguagem cotidiana e estabelecendo o significado ideal delas.
- d) rejeitando a ideia de uma essência universal das palavras, para focar no seu uso particular em situações reais de fala.
- e) identificando, introspectivamente, o que o falante tem “em mente” quando utiliza uma palavra em situações particulares.

○ 25. (INEP) O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa – como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada que ele. É humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem. A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. [...] A maioria das proposições e questões que

se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.

WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.

Com base no texto acima, é correto afirmar que:

- a) a filosofia, no *Tractatus*, é entendida como um domínio privilegiado da análise lógica do pensamento humano.
- b) Wittgenstein dá um valor especial à análise, entendendo-a como um modo correto de revelar a estrutura da lógica da linguagem.
- c) a análise filosófica da linguagem coincide com a forma lógica da linguagem.
- d) as proposições filosóficas são falsas e sem sentido.
- e) a linguagem expressa claramente o pensamento.

○ 26. (ENEM) Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político. E tudo que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá, talvez, verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos.

ARENDRT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

No trecho, a filósofa Hannah Arendt mostra a importância da linguagem no processo de:

- a) entendimento da cultura.
- b) aumento da criatividade.
- c) percepção da individualidade.
- d) melhoria da técnica.
- e) construção da sociabilidade.

○ 27. (UFSM) A respeito da Lógica, da Retórica e da argumentação em geral, é possível afirmar:

- I. A Retórica visa à persuasão, enquanto a Lógica visa à demonstração ou prova de uma verdade.
- II. Se não há adesão a uma determinada tese, ela é necessariamente falsa.
- III. Os argumentos visam a estabelecer conexões de causa e efeito entre premissas e conclusões.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.



○ 28. (UFSM) A utilização de cana-de-açúcar para a produção de etanol ou para o consumo humano e animal constitui um(a).

- a) argumento.
- b) dilema.
- c) crença.
- d) falácia.
- e) paradoxo.

○ 29. (UFSM) A entrevista referida na questão anterior continua com o seguinte trecho:

época: “na natureza animais comem outros animais”.

Peter Singer: “isso não é um argumento. Na natureza o homem domina a mulher, um homem escraviza o outro. Ninguém argumenta que essas coisas sejam certas”.

Então, é possível afirmar:

- I. O pronome “essas” diz respeito à afirmação “na natureza animais comem outros animais”.
- II. A analogia ocorre entre animais que comem outros animais e homens que comem outros animais.
- III. Singer se opõe ao argumento analógico.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) III apenas.
- d) I e II apenas.
- e) II e III apenas.

○ 30. (UFSM) No caso da distribuição de água potável e da coleta e tratamento de esgoto juntos, o custo por vida salva é de R\$ 409 mil. Em relação aos gastos com serviços de saúde, o valor seria de R\$ 354 mil. Como a diferença é muito pequena, as ações preventivas de saneamento, em particular do tratamento de água, seriam mais justificáveis economicamente do que os gastos diretos com saúde para se obter a contínua redução de mortalidade infantil, conclui Mendonça.

Revista Nestlé bio - nutrição e saúde, ano 1, no 2, p. 39.

Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas, dando sentido ao texto.

Nesse texto, ... a diferença é muito pequena é _____ do argumento, e ... as ações preventivas de saneamento [...] para se obter a contínua redução de mortalidade infantil é _____.

- a) premissa - premissa.
- b) conclusão - consequência.
- c) premissa - conclusão.
- d) conclusão - premissa.
- e) consequência - premissa.

○ 31. (UFSM) Da cólera e febre tifoide à malária e dengue, a lista da OMS inclui 22 diferentes doenças cujos ciclos de transmissão dependem essencialmente da água.

Revista Nestlé bio - nutrição e saúde, ano 1, no 2, p. 38.

Nessa afirmação, o segmento **dependem essencialmente** indica uma relação

- a) causa - efeito.
- b) motivo - justificação.
- c) fato - valor.
- d) conjetura - confirmação.
- e) conjectura - hipótese.

○ 32. (UFSM) A água virtual é o volume necessário para produzir alimentos ou outros produtos, que dessa forma está basicamente inserida nos itens. Um quilo de trigo, por exemplo, exige cerca de mil litros de água para ser produzido, de forma que cada quilo contém esse volume.

Scientific American Brasil, setembro de 2008, p. 66.

Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas, dando sentido ao texto.

Nesse texto, propõe-se uma _____ água virtual, que é _____.

- a) hipótese sobre a - verdadeira.
- b) definição de - verdadeira.
- c) hipótese sobre a - convencional.
- d) definição de - convencional.
- e) hipótese sobre a - falsa.

○ 33. (UFSM) O colunista Diomar Konrad, do Diário de Santa Maria, em crônica do dia 16/03/2007, narra o seguinte fato: “(...) ao ver um casal de mulheres se beijando, o garçom solicitou que as mesmas parassem com isso, pois era proibido beijar no estabelecimento. Invocando o Código de Posturas do Município, as pessoas disseram que não poderiam ter aquele gesto reprimido”. Em seguida, o colunista argumentou: “Ao que eu saiba, beijos héteros não são proibidos. Onde se conclui que não é o beijo, e sim o homossexual que não é bem-vindo”.

Análise as seguintes afirmações sobre os trechos apresentados:

- I. O colunista apresentou um argumento de tipo indutivo.
- II. O garçom e o casal de mulheres discutiram sobre a moralidade do beijo homossexual.
- III. O argumento do colunista pressupõe que atitudes de mesmo tipo devem ter tratamento similar.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.



○ 34. (UFSM) A BBC Brasil, em uma notícia sobre a dengue, afirma:

“A globalização e o conseqüente aumento na mobilidade de pessoas beneficia a propagação da doença pelo mundo e também o cruzamento das quatro variantes do vírus, o que tem tornado a dengue cada vez mais letal”.

Analise as afirmativas a seguir.

I. A sentença apresenta três fatores causais que justificam a única conclusão, que diz que a doença tem se propagado pelo mundo.

II. A sentença apresenta ao menos um argumento que relaciona causalmente a globalização com a crescente letalidade da dengue.

III. A sentença não apresenta relações causais, pois os segmentos “beneficia” e “tem tornado” não são indicadores de conclusão.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ 35. (UFSM) Mas o que há de particularmente mau em silenciar a expressão de uma opinião é o roubo à raça humana – à posteridade, bem como à geração existente, mais aos que discordam de tal opinião do que aos que a mantêm. Se a opinião é correta, privam-nos da oportunidade de trocar o erro pela verdade; se errada, perdemos, o que importa em benefício quase tão grande, a percepção mais clara da verdade, produzida por sua colisão com o erro.

A liberdade, de John Stuart Mill.

Considere as seguintes afirmações:

I. Aquele que recebe uma opinião é mais prejudicado do que aquele que a emite.

II. Uma opinião é errada somente se é contrastada com uma opinião correta.

III. As afirmações condicionais desse trecho não se contradizem.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ 37. (UFSM)

“Veja o caso de Jim, um colega historiador da ciência. Ele acredita que a ciência continua descartando teorias já vistas como verdadeiras. O sistema solar de Copérnico substituiu o modelo centrado na Terra de Ptolomeu; a descoberta do oxigênio liquidou a teoria do flogismo sobre a combustão; a versão de Einstein sobre a gravidade ofusca a de Newton. Dado o passado instável da ciência, pergunta Jim, como podemos considerar qualquer parte do nosso conhecimento atual como permanente?”

Knowledge, julho 2009, número 1, p. 74.

Considere as seguintes afirmativas:

I. Dos exemplos acima mencionados, pode-se concluir, por um argumento dedutivamente válido, que todas as teorias científicas são provisórias.

II. Jim afirma que o nosso conhecimento atual é objetivo.

III. “Ver algo como verdadeiro” é distinto de “ser verdadeiro”.

De acordo com a concepção de Jim, no texto acima, está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ 38. (UFSM) “Há os que tentam justificá-la [a presença de crucifixos em espaços públicos recorrendo ao argumento de que a maioria da população é cristã (...)] a maioria dos brasileiros, asseveraram as pesquisas, é flamenguista ou gloriosamente corinthiana; a ninguém, contudo, ocorreria valer-se dessa constatação para propor que se ornem as paredes dos tribunais com flâmulas desses dois clubes. Maiorias não definem a decoração de paredes públicas. De resto, nem todos os cristãos são entusiastas do crucifixo. Algumas denominações protestantes o consideram um caso acabado de idolatria, pecado cuja prática meus ancestrais judeus puniam com o apedrejamento até a morte.”

Hélio Schwartzman, 13/08/2009, “Crucifixos na berlinda”.

Considere as seguintes afirmações:

I. O argumento criticado pelo autor é um exemplo de falácia de apelo à força.

II. O autor recorre a uma analogia para criticar o argumento.

III. O autor critica a validade do argumento e questiona a verdade de suas premissas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ **39. (UFSM)** “Permitir a todos os homens uma liberdade ilimitada de expressão deve ser sempre, de um modo geral, vantajoso para o Estado; pois é altamente propício aos interesses da comunidade que cada indivíduo desfrute de liberdade, perfeitamente ilimitada, para expressar os seus sentimentos”.

In: Filosofando. Introdução à Filosofia, Maria L. de A. Aranha e Maria H. P. Martins. Ed. Moderna.

O texto acima é um famoso exemplo de raciocínio incorreto, também conhecido como falácia não formal. Nesse caso, a falácia é do tipo:

- a) argumento contra o homem.
- b) ignorância da questão.
- c) petição de princípio.
- d) argumento de autoridade.
- e) de acidente.

○ **21. (UFSM 2023)** “Uma pessoa ou é boa ou é má”. A alternativa que expressa corretamente o tipo de falácia informal exemplificada na sentença é

- a) falsa analogia.
- b) apelo à autoridade.
- c) falsa dicotomia.
- d) petição de princípio.
- e) ataque pessoal.

○ **40. (UFSM)** Se for verdade que “É possível fazer ensaios em pequenos grupos de 20 alunos”, então a afirmação de

- I. “É necessário fazer ensaios em pequenos grupos de 20 alunos” é verdadeira.
- II. “É impossível fazer ensaios em pequenos grupos de 20 alunos” é falsa.
- III. “Fizeram-se ensaios em pequenos grupos de 20 alunos” pode ser falsa.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ **41. (UFSM)** A boa notícia é que nossa capacidade de inovar é tão ilimitada quanto nosso apetite. A ciência resolverá o problema da fome. Se a capacidade ilimitada de inovação da ciência é conclusão de um argumento cujas premissas descrevem a história do desenvolvimento da ciência, o argumento em questão é do tipo _____, e a conclusão é _____ face às premissas.

Completam as lacunas, respectivamente,

- a) dedutivo - necessária.
- b) dedutivo - provável.
- c) analógico - provável.
- d) indutivo - provável.
- e) indutivo - necessária.

○ **42. (UFSM)** Uma questão apresenta uma definição de alucinógeno como substância que modifica qualitativamente a atividade do cérebro, causando confusão mental e alucinação. A seguir, é nomeada uma dessas drogas, o artane, dizendo ser uma droga anticolinérgica, com ação alucinógena.

De acordo com as teorias do silogismo e das definições, pode-se afirmar que

- I. modificar qualitativamente a atividade do cérebro é um atributo accidental do alucinógeno.
- II. a frase, *o artane é uma droga anticolinérgica*, é uma proposição singular afirmativa.
- III. anticolinérgica é uma espécie do gênero droga.

Está(ão) correta(s) a(s) alternativa(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas I e III.

○ **43. (UFSM)** Carl Sagan relata a seguinte história a respeito dos clorofluorcarbonetos (CFCs), que destroem a camada de ozônio que nos protege da luz ultravioleta emitida pelo Sol:

“A Du Pont, que vendia CFCs num montante de 600 milhões de dólares por ano, tirou seus anúncios dos jornais e revistas científicas e declarou perante comissões do Congresso que o perigo dos CFCs para a camada de ozônio não estava provado, fora muito exagerado ou era baseado em raciocínio científico defeituoso.”

Considere, assim, as afirmações:

- I. Se algo não está provado, então é falso.
- II. Se algo é falso, então não pode ser provado.
- III. Se o perigo de algo for muito exagerado, então não representa perigo algum.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

Anotações:



○ 44. (UFSM) Considere as seguintes afirmações:

I - O argumento cuja única premissa é “Para alguns povos, a revolução técnico-científica não trouxe nenhum benefício” e cuja conclusão é “Para os povos africanos, a revolução técnico-científica não trouxe nenhum benefício” é um argumento válido.

II - Se “Para alguns povos, a revolução técnico-científica não trouxe nenhum benefício” for verdadeira, então “Para nenhum povo, a revolução técnico-científica não trouxe nenhum benefício” também é verdadeira.

III - Se “Ao contrário, aprofundou a diferença entre as classes sociais” for verdadeira, então “Minimizou a diferença entre as classes sociais” é falsa.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas II.
- b) apenas III.
- c) apenas I e II.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 45. (UFSM) O enunciado: “Julgava que a minha vida no campo era boa, mas agora vejo que, afinal, vivo na penúria” pode ser assim reescrito “Julgava que p , mas agora julgo que q ”. Nessa nova formulação,

- () p e q são símbolos para nomes.
- () p e q são símbolos para proposições.
- () o verbo “julgar” indica uma operação cognitiva.

Coloque verdadeira (V) ou falsa (F) em cada proposição e assinale a sequência correta.

- a) V - V - V.
- b) F - V - V.
- c) F - F - V.
- d) F - F - F.
- e) V - V - F.

○ 46. (UFSM) Acompanhe o diálogo entre Robin e Bob:

Robin: o olho é uma peça de engenharia fantástica.

Bob: Então, pergunte-se: Como o olho chegou a existir? O que é mais provável: o olho existir por acaso ou ter sido projetado? Certamente, visto que o olho tem um propósito ao qual é bem adequado, também deve ter tido um projetista. Deve haver um projetista - uma espécie de relojoeiro cósmico - que projetou o olho. Esse projetista é Deus.

LAW, S. Arquivos Filosóficos. p. 223.

Analise as afirmativas:

- I. O diálogo refere-se a uma possível prova da existência de Deus.
- II. Bob está propondo uma analogia entre um relojoeiro e Deus.
- III. Bob descarta o acaso como hipótese da existência do olho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 47. (UFSM) Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas, dando sentido ao texto.

Os processos naturais que contribuem para a extinção de uma civilização são exemplos de males naturais, enquanto as guerras são exemplos de males morais.

O argumento segundo o qual o padrão atual de utilização dos recursos naturais produzirá um desequilíbrio ecológico irreversível é um exemplo de argumento do tipo _____. O desmatamento indiscriminado das florestas é um exemplo de um mal _____.

- a) indutivo - natural.
- b) dedutivo - natural.
- c) analógico - natural.
- d) dedutivo - moral.
- e) indutivo - moral.

○ 48. (UFSM) Na Internet, tornou-se popular o uso de “emoticons”, signos usados para representar emoções. :-) é o “emoticon” usado para representar felicidade e :-(é o “emoticon” usado para representar tristeza.

Indique o tipo de signo que é um “emoticon” e a relação entre o “emoticon” e a emoção que ele representa.

- a) índice - causa e efeito
- b) ícone - semelhança
- c) símbolo - arbitrária
- d) ícone - causa e efeito
- e) índice - semelhança

○ 49. (UFSM) Segundo a “doutrina das assinaturas”, do alquimista Paracelso, “uma orquídea se assemelhava a um testículo - o que significava que era um remédio para doenças venéreas; as folhas do lilás tinham forma de coração, portanto eram boas para doenças cardíacas; a quelidônea ‘de sangue amarelo’ era o remédio para icterícia”.

Portanto, segundo Paracelso, a relação entre as características físicas de uma planta e a doença a ela associada é de tipo denominado

- a) ícone.
- b) índice.
- c) símbolo.
- d) casual.
- e) arbitrário.



○ **50. (UFSM)** Na vida comum, pode haver erros de deliberação ou raciocínio prático. Esses erros costumam levar a julgamentos e ações erradas. Alguns erros de raciocínio lógico têm também uma dimensão moral, como a falácia do apelo à autoridade, que frequentemente está na base de abusos de autoridade e algumas formas de diferenciação social injustas. Qual dos argumentos a seguir comete a falácia do apelo à autoridade?

a) O professor Antônio Lavoisier afirmou que sódio é um metal que faz parte da composição do sal de cozinha. Pode-se concluir que isso é verdade, pois esse professor é um especialista em química.

b) O professor Antônio Lavoisier analisou amostras de sal de cozinha comum nos laboratórios de Química da UFSM e concluiu que essa substância é composta principalmente por cloreto de sódio.

c) Se uma amostra do sal de cozinha comum, ao ser analisada em laboratórios de Química, mostrar não conter sódio, pode-se concluir que o sal de cozinha comum não é composto principalmente por cloreto de sódio.

d) Segundo especialistas ligados ao Ministério da Saúde, o consumo excessivo de sal é prejudicial à saúde. Logo, é recomendável que o consumo excessivo dessa substância seja evitado.

e) Se todos comem sal regularmente, então se pode concluir que não faz mal à saúde.

○ **51. (UFSM)** Nos inúmeros protestos de rua que aconteceram no Brasil ao longo do ano de 2013, um grupo significativo de pessoas reivindicou a eliminação da cobrança de passagens de ônibus nas linhas municipais. Contra essa reivindicação, algumas pessoas argumentaram que, se ela fosse atendida, novas reivindicações por “tarifa zero” surgiriam para muitos outros serviços e também teriam de ser atendidas. Assim, em breve, haveria reivindicações por “tarifa zero” nos serviços de táxi, no transporte aéreo, nos cinemas, nos supermercados, nos salões de beleza, etc. Por isso, seria melhor não atender a nenhuma reivindicação desse tipo.

Essa objeção:

a) é incorreta, pois uma das premissas da objeção é falsa, a saber, a de que, nos protestos de rua que aconteceram no Brasil ao longo do ano de 2013, algumas pessoas reivindicaram “tarifa zero” para os ônibus municipais.

b) comete a falácia da “ladeira escorregadia”, pois supõe que a aceitação de uma reivindicação particular implica que reivindicações para outras áreas ou setores também teriam de ser atendidas.

c) é válida, pois o fato de uma reivindicação particular ser atendida implica logicamente que todas as reivindicações parecidas para outros serviços têm necessariamente de ser atendidas também.

d) é circular, pois o que a objeção conclui (isto é, que seria melhor não atender a nenhuma reivindicação desse tipo) é pressuposto por uma das premissas da objeção (a de que, se uma reivindicação particular é atendida, todas as outras também têm de ser atendidas).

e) comete a falácia da negação do antecedente, isto é, supõe que, se o antecedente de um enunciado condicional é falso, então também o consequente é falso.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 2

» Ética

○ 1. (ENEM) A ética exige um governo que amplie a igualdade entre os cidadãos. Essa é a base da pátria. Sem ela, muitos indivíduos não se sentem “em casa”, experimentam-se como estrangeiros em seu próprio lugar de nascimento.

SILVA, R. R. Ética, defesa nacional, cooperação dos povos. OLIVEIRA, E. R. (Org.) Segurança & Defesa Nacional: da competição à cooperação regional. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2007. Adaptado.

Os pressupostos éticos são essenciais para a estruturação política e integração de indivíduos em uma sociedade. De acordo com o texto, a ética corresponde a:

- a) valores e costumes partilhados pela maioria da sociedade.
- b) preceitos normativos impostos pela coação das leis jurídicas.
- c) normas determinadas pelo governo, diferentes das leis estrangeiras.
- d) transferência dos valores praticados em casa para a esfera social.
- e) proibição da interferência de estrangeiros em nossa pátria.

○ 2. (ENEM)



A figura do inquilino ao qual a personagem da tirinha se refere é o(a):

- a) constrangimento por olhares de reprovação.
- b) costume imposto aos filhos por coação.
- c) consciência da obrigação moral.
- d) pessoa habitante da mesma casa.
- e) temor de possível castigo.

○ 3. (ENEM) Quando Édipo nasceu, seus pais, Laio e Jocasta, os reis de Tebas, foram informados de uma profecia na qual o filho mataria o pai e se casaria com a mãe. Para evitá-la, ordenaram a um criado que matasse o menino. Porém, penalizado com a sorte de Édipo, ele o entregou a um casal de camponeses que morava longe de Tebas para que o criasse. Édipo soube da profecia quando se tornou adulto. Saiu então da casa de seus pais para evitar a tragédia. Eis que, perambulando pelos caminhos da Grécia, encontrou-se com Laio e seu séquito, que, insolentemente, ordenou que saísse da estrada. Édipo reagiu e matou todos os integrantes do grupo, sem saber que entre eles estava seu verdadeiro pai. Continuou a viagem até chegar em Tebas, dominada por uma Esfinge. Ele decifrou o enigma da Esfinge, tornou-se rei de Tebas e casou-se com a rainha, Jocasta, a mãe que desconhecia.

Disponível em: www.culturabrasil.org. Acesso em: 28/08/2010 (adaptado).

No mito Édipo Rei, são dignos de destaque os temas do destino e do determinismo. Ambos são características do mito grego e abordam a relação entre liberdade humana e providência divina. A expressão filosófica que toma como pressuposta a tese do determinismo é:

- a) “Nasci para satisfazer a grande necessidade que eu tinha de mim mesmo.”
Jean-Paul Sartre.
- b) “Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus nela escreva o que quiser.”
Santo Agostinho.
- c) “Quem não tem medo da vida também não tem medo da morte.”
Arthur Schopenhauer.
- d) “Não me pergunte quem sou eu e não me diga para permanecer o mesmo.”
Michel Foucault.
- e) “O homem, em seu orgulho, criou a Deus a sua imagem e semelhança.”
Friedrich Nietzsche.

○ 4. (ENEM) Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

RACHELS, J. Problemas de filosofia. Lisboa: Gradiva, 2009.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo *A República*, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de:

- a) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.
- b) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- c) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- d) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- e) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.



○ **5. (ENEM)** Na ética contemporânea, o sujeito não é mais um sujeito substancial, soberano e absolutamente livre, nem um sujeito empírico puramente natural. Ele é simultaneamente os dois, na medida em que é um sujeito histórico-social. Assim, a ética adquire um dimensionamento político, uma vez que a ação do sujeito não pode mais ser vista e avaliada fora da relação social coletiva. Desse modo, a ética se entrelaça, necessariamente, com a política, entendida esta como a área de avaliação dos valores que atravessam as relações sociais e que interliga os indivíduos entre si.

SEVERINO, A. J. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1992 (adaptado).

O texto, ao evocar a dimensão histórica do processo de formação da ética na sociedade contemporânea, ressalta:

- a) os conteúdos éticos decorrentes das ideologias político-partidárias.
- b) o valor da ação humana derivada de preceitos metafísicos.
- c) a sistematização de valores desassociados da cultura.
- d) o sentido coletivo e político das ações humanas individuais.
- e) o julgamento da ação ética pelos políticos eleitos democraticamente.

○ **6. (ENEM)** A ética precisa ser compreendida como um empreendimento coletivo a ser constantemente retomado e rediscutido, porque é produto da relação interpessoal e social. A ética supõe ainda que cada grupo social se organize sentindo-se responsável por todos e que crie condições para o exercício de um pensar e agir autônomos. A relação entre ética e política é também uma questão de educação e luta pela soberania dos povos. É necessária uma ética renovada, que se construa a partir da natureza dos valores sociais para organizar também uma nova prática política.

CORDI et al. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2007 (adaptado).

O Século XX teve de repensar a ética para enfrentar novos problemas oriundos de diferentes crises sociais, conflitos ideológicos e contradições da realidade. Sob esse enfoque e a partir do texto, a ética pode ser compreendida como:

- a) instrumento de garantia da cidadania, porque por meio dela os cidadãos passam a pensar e agir de acordo com valores coletivos.
- b) mecanismo de criação de direitos humanos, porque é da natureza do homem ser ético e virtuoso.
- c) meio para resolver os conflitos sociais no cenário da globalização, pois a partir do entendimento do que é efetivamente a ética, a política internacional se realiza.
- d) parâmetro para assegurar o exercício político primando pelos interesses e ação privada dos cidadãos.
- e) aceitação de valores universais implícitos numa sociedade que busca dimensionar sua vinculação a outras sociedades.

Anotações:

○ **7. (ENEM)** O brasileiro tem noção clara dos comportamentos éticos e morais adequados, mas vive sob o espectro da corrupção, revela pesquisa. Se o país fosse resultado dos padrões morais que as pessoas dizem aprovar, pareceria mais com a Escandinávia do que com Bruzundanga (corrompida nação fictícia de Lima Barreto).

O distanciamento entre “reconhecer” e “cumprir” efetivamente o que é moral constitui uma ambiguidade inerente ao humano, porque as normas morais são:

- a) decorrentes da vontade divina e, por esse motivo, utópicas.
- b) parâmetros idealizados, cujo cumprimento é destituído de obrigação.
- c) amplas e vão além da capacidade de o indivíduo conseguir cumpri-las integralmente.
- d) criadas pelo homem, que concede a si mesmo a lei à qual deve se submeter.
- e) cumpridas por aqueles que se dedicam inteiramente a observar as normas jurídicas.

○ **8. (ENEM)** É importante não confundir moralidade – certo e errado – com lei. É claro que a moralidade e a lei muitas vezes coincidem. Por exemplo, roubar e matar é moralmente errado. Também é contra lei. Mas a moralidade e a lei não precisam coincidir.

LAW, S. *Os arquivos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Quando há discordância entre moralidade e legalidade na sociedade, ocorre a existência de:

- a) uma legalidade laica.
- b) leis fundadas em valores morais.
- c) ações ilegais como sendo imorais.
- d) leis injustas na sociedade.
- e) normas que opõem lei e justiça.

○ **9. (ENEM)** A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados, como consta na inscrição existente em Delfos: “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos esses atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre estas, a melhor nós a identificamos como felicidade.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como:

- a) busca por bens materiais e títulos de nobreza.
- b) plenitude espiritual e ascese pessoal.
- c) finalidade das ações e condutas humanas.
- d) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
- e) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.



○ **10. (INEP)** Assim, a virtude é uma disposição para agir de uma maneira deliberada, consistindo numa mediania relativa a nós, a qual é racionalmente determinada e como a determinaria o homem prudente. Mas é uma mediania entre dois vícios, um pelo excesso, outro pela falta.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*.

Com base no trecho acima, julgue as seguintes conclusões formuladas.

- I. A virtude é uma mediania.
- II. A mediania é um vício entre dois vícios.
- III. O homem prudente determina racionalmente a virtude.
- IV. Os vícios são excessos ou faltas.
- V. O homem prudente não reconhece o vício.

Estão certas apenas as conclusões:

- a) I, III e IV.
- b) I, IV e V.
- c) II, III e IV.
- d) II, III e V.
- e) II, IV e V.

○ **11. (ENEM)** Ninguém delibera sobre coisas que não podem ser de outro modo, nem sobre as que lhe é impossível fazer. Por conseguinte, como o conhecimento científico envolve demonstração, mas não há demonstração de coisas cujos primeiros princípios são variáveis (pois todas elas poderiam ser diferentemente), e como é impossível deliberar sobre coisas que são por necessidade, a sabedoria prática não pode ser ciência, nem arte: nem ciência, porque aquilo que se pode fazer é capaz de ser diferentemente, nem arte, porque o agir e o produzir são duas espécies diferentes de coisa. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Aristóteles considera a ética como pertencente ao campo do saber prático. Nesse sentido, ela difere-se dos outros saberes porque é caracterizada como:

- a) conduta definida pela capacidade racional de escolha.
- b) capacidade de escolher de acordo com padrões científicos.
- c) conhecimento das coisas importantes para a vida do homem.
- d) técnica que tem como resultado a produção de boas ações.
- e) política estabelecida de acordo com padrões democráticos de deliberação.

○ **12. (INEP)** A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (adaptado).

De acordo com o excerto acima, a virtude aristotélica consiste:

- a) na repetição do ato virtuoso, pois este já se encontra em estado de perfeição. Diante disso, uma vez encontrada a justa medida, que está compreendida no domínio daquilo que não pode ser de outro modo, esta deve ser repetida em todas as circunstâncias.
- b) na capacidade de se encontrar a justa medida, a partir da ação própria do agente que reconhece a relatividade das circunstâncias nas quais está inserido. A medida está na capacidade de agir virtuosamente a cada momento e diante de todas as circunstâncias particulares de tempo, de lugar, de relação.
- c) na racionalidade com que o agente escolhe os meios para se atingir os fins desejados, ainda que esses fins não possam ser alcançados, pois ainda que as escolhas sejam boas (oportunas e medidas), os fins almejados pelo homem virtuoso nem sempre podem ser alcançados.
- d) na capacidade de alcançar o fim desejado, isto é, uma vida justa e feliz. Por isso, a ética, na concepção de Aristóteles, é um saber produtivo (*poiesis*), sendo determinado pelo produto de suas ações, o que equivale dizer que o agente e os meios ficam em segundo plano em relação ao fim atingido.
- e) no senso de medida universal, ou seja, na boa escolha relativa a nós, que pode ser comparada à proporção aritmética em sua capacidade de escolher os meios com medida, ou de escolher a justa medida – nem o excesso, nem a falta de forma sistemática.

○ **13. (INEP)** O homem é um princípio motor de ações; ora, a deliberação gira em torno das coisas a serem feitas pelo próprio agente, e as ações têm em vista outra coisa que não elas mesmas. Com efeito, o fim não pode ser objeto de deliberação, mas apenas o meio.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, III, 1112b. Coleção Os Pensadores.

A partir desse texto de Aristóteles, assinale a opção correta.

- a) As ações são os fins sobre os quais o homem delibera.
- b) O homem é o fim visado por todas as deliberações.
- c) As deliberações são sobre as ações enquanto meios.
- d) Meios e fins são visados pelo homem, que delibera sobre as coisas a serem feitas.
- e) É na deliberação entre vários fins possíveis que o homem se mostra como princípio motor de ações.

Anotações:



○ **14. (ENEM)** Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

EPICURO DE SAMOS. Doutrinas principais. In: SANSON, V. F. Textos de filosofia. Rio de Janeiro: Eduff, 1974.

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim:

- a) alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- b) valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- c) aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- d) refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- e) defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

○ **15. (ENEM)** A quem não basta pouco, nada basta.

EPICURO. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

Remanescente do período helenístico, a máxima apresenta a valoriza a seguinte virtude:

- a) Esperança, tida como confiança no porvir.
- b) Justiça, interpretada como retidão de caráter.
- c) Temperança, marcada pelo domínio da vontade.
- d) Coragem, definida como fortitude na dificuldade.
- e) Prudência, caracterizada pelo correto uso da razão.

○ **16. (ENEM)** Entretanto, nosso amigo Basso tem o ânimo alegre. Isso resulta da filosofia: estar alegre diante da morte, forte e contente qualquer que seja o estado do corpo, sem desfalecer, ainda que desfaleça.

SÊNECA, L. Cartas morais. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.

O excerto refere-se a uma carta de Sêneca na qual se apresenta como um bem fundamental da filosofia promover a.

- a) valorização de disputas dialógicas.
- b) rejeição das convenções sociais.
- c) inspiração de natureza religiosa.
- d) exaltação do sofrimento.
- e) moderação das paixões.

○ **17. (INEP)** Nada pode, de modo algum, manchar a alma, a não ser aquilo que procede da própria alma, isto é, o consentimento, pois só nele há maldade. Não há maldade nem no desejo que o precede nem na ação que a ele segue. [...] Deus leva em conta não as coisas que fazemos, mas o ânimo com que são feitas, e o mérito e o louvor de quem age consistem não na ação, mas na intenção.

PEDRO ABELARDO. Scito te ipsum. (ed. M. Dal Prà) (com adaptações).

De acordo com o texto acima, julgue os itens a seguir.

- I. A maldade encontra-se nas ações que são feitas.
- II. A intenção é a chave de compreensão da bondade ou maldade dos atos.
- III. Decidir-se a matar alguém não é maldade; o mal é matar alguém de fato.

IV. Bondade ou maldade dos atos ou omissões medem-se pela intenção, não pelo resultado.

V. Deus julga os homens não pelas ações, mas pela intenção com que elas são realizadas.

Estão certos apenas os itens:

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) I, III e IV.
- e) II, IV e V.

○ **18. (ENEM)** Se os nossos adversários, que admitem a existência de uma natureza não criada por Deus, o Sumo Bem, quisessem admitir que essas considerações estão certas, deixariam de proferir tantas blasfêmias, como a de atribuir a Deus tanto a autoria dos bens quanto dos males. Pois sendo Ele fonte suprema da Bondade, nunca poderia ter criado aquilo que é contrário à sua natureza.

AGOSTINHO. A natureza do Bem. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005 (adaptado).

Para Agostinho, não se deve atribuir a Deus a origem do mal porque:

- a) o surgimento do mal é anterior à existência de Deus.
- b) o mal, enquanto princípio ontológico, independe de Deus.
- c) Deus apenas transforma a matéria, que é, por natureza, má.
- d) por ser bom, Deus não pode criar o que lhe é oposto, o mal.
- e) Deus se limita a administrar a dialética existente entre o bem e o mal.

○ **19. (INEP)** Não há dúvida de que as virtudes morais podem existir sem certas virtudes intelectuais, como a sabedoria, a ciência e a arte; não o podem porém sem o intelecto e a prudência. Assim, não podem existir sem a prudência, por ser a virtude moral um hábito eletivo, isto é, que torna boa a eleição. Ora, para esta ser boa se exigem duas condições. A primeira é haver a devida intenção do fim; e isto se dá pela virtude moral, que inclina a potência apetitiva ao bem conveniente com a razão, que é o fim devido. A segunda é que nos sirvamos retamente dos meios, o que se não pode dar senão pela razão, que aconselha retamente, no julgar e no ordenar, o que pertence à prudência e às virtudes anexas...

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica.

Tendo como referência esse texto e a teoria das virtudes de Tomás de Aquino, analise as asserções a seguir.

Para Tomás de Aquino, há virtudes intelectuais que podem prescindir das virtudes morais, uma vez que não possuem ligação direta com a ação, mas não é o caso da virtude intelectual da prudência,

porque

a prudência consiste no intelecto prático, fazendo com que o homem não apenas conheça os princípios universais da razão, mas também leve em conta as diversas circunstâncias da vida humana.

Considerando essas assertivas, assinale a opção correta.

- a) As duas asserções são proposições verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- b) As duas asserções são proposições verdadeiras, mas a segunda não é uma justificativa correta da primeira.



- c) A primeira asserção é uma proposição verdadeira, e a segunda é uma proposição falsa.
- d) A primeira asserção é uma preposição falsa, e a segunda é uma proposição verdadeira.
- e) Tanto a primeira como a segunda asserções são proposições falsas.

○ **20. (ENEM)** De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usa para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que usas-se sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

AGOSTINHO. O livre-arbitrio. In: MARCONDES, D. Textos básicos de ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a):

- a) desvio da postura celibatária.
- b) insuficiência da autonomia moral.
- c) afastamento das ações de desapego.
- d) distanciamento das práticas de sacrifício.
- e) violação dos preceitos do Velho Testamento.

○ **21. (ENEM)** Sem negar que Deus prevê todos os acontecimentos futuros, entretanto, nós queremos livremente aquilo que queremos. Porque, se o objeto da presciência divina é a nossa vontade, é essa mesma vontade assim prevista que se realizará. Haverá, pois, um ato de vontade livre, já que Deus vê esse ato livre com antecedência.

SANTO AGOSTINHO. O livre-arbitrio. São Paulo: Paulus, 1995 (adaptado).

Essa discussão, proposta pelo filósofo Agostinho de Hipona (354-430), indica que a liberdade humana apresenta uma

- a) natureza condicionada.
- b) competência absoluta.
- c) aplicação subsidiária.
- d) utilização facultativa.
- e) autonomia irrestrita.

○ **22. (INEP)** Mas a lei pode ser então essa, cuja representação, mesmo sem tomar em consideração o efeito que dela se espera, tem de determinar a vontade para que esta se possa chamar boa absolutamente e sem restrição? Uma vez que despojei a vontade de todos os estímulos que lhe poderiam advir de obediência a qualquer lei, nada mais resta do que a conformidade a uma lei universal das ações em geral que possa servir de único princípio à vontade, isto é: devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 115 (adaptado).

O texto acima se refere ao imperativo categórico de Kant, que corresponde à seguinte máxima:

- a) age segundo a máxima que exprime o teu dever.
- b) age segundo a máxima cuja lei seja escolher o melhor meio para atingir um fim.
- c) age apenas segundo a máxima que esteja em conformidade com a lei imutável da natureza.
- d) age apenas segundo a máxima tal que possa, ao mesmo tempo, querer que ela se torne lei universal.
- e) age segundo a máxima que, mesmo contrária à tua vontade, possa ser tomada como lei da natureza.

○ **23. (ENEM)** A pura lealdade na amizade, embora até o presente não tenha existido nenhum amigo leal, é imposta a todo homem, essencialmente, pelo fato de tal dever estar implicado como dever em geral, anteriormente a toda experiência, na ideia de uma razão que determina a vontade segundo princípios *a priori*.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. São Paulo: Barcarolla, 2009.

A passagem citada expõe um pensamento caracterizado pela:

- a) eficácia prática da razão empírica.
- b) transvaloração dos valores judaico-cristãos.
- c) recusa em fundamentar a moral pela experiência.
- d) comparação da ética a uma ciência de rigor matemático.
- e) importância dos valores democráticos nas relações de amizade.

○ **24. (INEP)** [...] se a razão só por si não determina suficientemente a vontade, se está ainda sujeita a condições subjetivas (a certos móveis) que não coincidem sempre com as objetivas; numa palavra, se a vontade não é em si plenamente conforme a razão (como acontece realmente entre os homens), então as ações, que objetivamente são reconhecidas como necessárias, são subjetivamente contingentes, e a determinação de uma tal vontade, conforme a leis objetivas, é obrigação.

KANT. Fundamentação da metafísica dos costumes. Coleção Os Pensadores. Segunda Seção, §12.

De acordo com esse texto, é correto afirmar que as inclinações:

- a) tornam a lei moral subjetiva.
- b) determinam a vontade objetivamente.
- c) fazem que a lei moral seja vivenciada como uma obrigação.
- d) possuem caráter imperativo.
- e) são parte da natureza humana como ser racional.

○ **25. (INEP)** Uma ação praticada por dever deve ter o seu valor moral, não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina; não depende portanto da realidade do objeto da ação, mas somente do princípio do querer segundo o qual a ação, abstraindo de todos os objetos da faculdade de desejar, foi praticada.

KANT. Fundamentação da metafísica dos costumes. Coleção Os Pensadores.

De acordo com essa passagem, pode-se concluir que o valor da ação moral em Kant é determinado:

- a) pelos objetos que orientam a faculdade de desejar.
- b) por sua subordinação ao princípio do querer em geral.
- c) pela validade objetiva dos objetos.
- d) por sua subordinação à vontade subjetivamente determinada.
- e) por sua conformidade ao dever.



○ **26. (ENEM)** Uma pessoa vê-se forçada pela necessidade a pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa; mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma: não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: quando julgo estar em apuros de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo, embora saiba que tal nunca sucederá.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

De acordo com a moral kantiana, a “falsa promessa de pagamento” representada no texto:

- a) assegura que a ação seja aceita por todos a partir da livre discussão participativa.
- b) garante que os efeitos das ações não destruam a possibilidade da vida futura na terra.
- c) opõe-se ao princípio de que toda ação do homem possa valer como norma universal.
- d) materializa-se no entendimento de que os fins da ação humana podem justificar os meios.
- e) permite que a ação individual produza a mais ampla felicidade para as pessoas envolvidas.

○ **27. (ENEM)**

TEXTO I

Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre crescentes: o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim.

KANT, I. Crítica da razão prática. Lisboa: Edições 70, s/d (adaptado).

TEXTO II

Duas coisas admiro: a dura lei cobrindo-me e o estrelado céu dentro de mim.

FONTELA, O. Kant (relido). In: Poesia completa. São Paulo: Hedra, 2015.

A releitura realizada pela poeta inverte as seguintes ideias centrais do pensamento kantiano:

- a) Possibilidade da liberdade e obrigação da ação.
- b) Aprioridade do juízo e importância da natureza.
- c) Necessidade da boa vontade e crítica da metafísica.
- d) Prescindibilidade do empírico e autoridade da razão.
- e) Interioridade da norma e fenomenalidade do mundo.

○ **28. (ENEM)** A moralidade, Bentham exortava, não é uma questão de agradar a Deus, muito menos de fidelidade a regras abstratas. A moralidade é a tentativa de criar a maior quantidade de felicidade possível neste mundo. Ao decidir o que fazer, deveríamos, portanto, perguntar qual curso de conduta promoveria a maior quantidade de felicidade para todos aqueles que serão afetados.

RACHELS, J. Os elementos da filosofia moral. Barueri-SP: Manole, 2006.

Os parâmetros da ação indicados no texto estão em conformidade com uma:

- a) fundamentação científica de viés positivista.
- b) convenção social de orientação normativa.
- c) transgressão comportamental religiosa.
- d) racionalidade de caráter pragmático.
- e) inclinação de natureza passional.

○ **29. (ENEM)** Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhado amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar!

NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez que:

- a) reforça a liberdade do cidadão.
- b) desvela os valores do cotidiano.
- c) exorta as relações de produção.
- d) destaca a decadência da cultura.
- e) amplifica o sentimento de ansiedade.

○ **30. (ENEM)** Minha fórmula para o que há de grande no indivíduo é *amor fati*: nada desejar além daquilo que é, nem diante de si, nem atrás de si, nem nos séculos dos séculos. Não se contentar em suportar o inelutável, e ainda menos dissimulá-lo, mas amá-lo.

NIETZSCHE apud FERRY, L. Aprender a viver: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 (adaptado).

Essa fórmula indicada por Nietzsche consiste em uma crítica à tradição cristã que

- a) combate as práticas sociais de cunho afetivo.
- b) impede o avanço científico no contexto moderno.
- c) associa os cultos pagãos à sacralização da natureza.
- d) condena os modelos filosóficos da Antiguidade Clássica.
- e) consagra a realização humana ao campo transcendental.

○ **31. (ENEM)** A promessa da tecnologia moderna se converteu em uma ameaça, ou esta se associou àquela de forma indissolúvel. Ela vai além da constatação da ameaça física. Concebida para a felicidade humana, a submissão da natureza, na sobre-medida de seu sucesso, que agora se estende à própria natureza do homem, conduziu ao maior desafio já posto ao ser humano pela sua própria ação. O novo continente da práxis coletiva que adentramos com a alta tecnologia ainda constitui, para a teoria ética, uma terra de ninguém.

JONAS, H. O princípio da responsabilidade. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2011 (adaptado).

As implicações éticas da articulação apresentada no texto impulsionam a necessidade de construção de um novo padrão de comportamento, cujo objetivo consiste em garantir o(a):

- a) pragmatismo da escolha individual.
- b) sobrevivência de gerações futuras.
- c) fortalecimento de políticas liberais.
- d) valorização de múltiplas etnias.
- e) promoção da inclusão social.



○ **32. (ENEM)** Fundamos, como afirmam alguns cientistas, o antropoceno: uma nova era geológica com altíssimo poder de destruição, fruto dos últimos séculos que significam um transtorno perverso do equilíbrio do sistema-Terra. Como enfrentar esta nova situação nunca ocorrida antes de forma globalizada e profunda? Temos pessoalmente trabalhado os paradigmas da sustentabilidade e do cuidado como relação amigável e cooperativa para com a natureza. Queremos, agora, agregar a ética da responsabilidade.

BOFF, L. Responsabilidade coletiva. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com>. Acesso em: 14 maio 2013.

A ética da responsabilidade protagonizada pelo filósofo alemão Hans Jonas e reinvidicada no texto é expressa pela máxima:

- a) "A tua ação possa valer como norma para todos os homens."
- b) "A norma aceita por todos advenha da ação comunicativa e do discurso."
- c) "A tua ação possa produzir a máxima felicidade para a maioria das pessoas."
- d) "O teu agir almeje alcançar determinados fins que possam justificar os meios."
- e) "O efeito de tuas ações não destrua a possibilidade futura da vida das novas gerações."

○ **33. (ENEM)** Panayiotis Zavos "quebrou" o último tabu da clonagem humana – transferiu embriões para o útero de mulheres, que os gerariam. Esse procedimento é crime em inúmeros países. Aparentemente, o médico possuía um laboratório secreto, no qual fazia seus experimentos. "Não tenho nenhuma dúvida de que uma criança clonada irá aparecer em breve. Posso não ser eu o médico que irá criá-la, mas vai acontecer", declarou Zavos. "Se nos esforçarmos, podemos ter um bebê clonado daqui a um ano, ou dois, mais não sei se é o caso. Não sofremos pressão para entregar um bebê clonado ao mundo. Sofremos pressão para entregar um bebê clonado saudável ao mundo."

CONNOR, S. Disponível em: www.independet.co.uk. Acesso em: 14 ago. 2012 (adaptado).

A clonagem humana é importante assunto de reflexão no campo da Bioética que, entre outras questões, dedica-se a:

- a) refletir sobre as relações entre o conhecimento da vida e os valores éticos do homem.
- b) legitimar o predomínio da espécie humana sobre as demais espécies animais no planeta.
- c) relativizar, no caso da clonagem humana, o uso dos valores de certo e errado, de bem e mal.
- d) legalizar, pelo uso das técnicas de clonagem, os processos de reprodução humana e animal.
- e) fundamentar técnica e economicamente as pesquisas sobre células-tronco para uso em seres humanos.

Anotações:

○ **34. (INEP)** Uma das mais famosas frases de Sartre é "estamos condenados à liberdade".

De acordo com o dito sartriano:

- I. o ser humano é fruto do acaso.
- II. não se pode fugir à necessidade de deliberar sobre as próprias ações.
- III. não se pode agir livremente.
- IV. no universo do humano está a medida das ações e da responsabilidade do homem.
- V. o homem é o lobo do homem.

Estão certos apenas os itens:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I e IV.
- d) II e IV.
- e) IV e V.

○ **35. (ENEM)**

Ser ou não ser – eis a questão.

Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre:

- a) consciência de si e angústia humana.
- b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- e) dependência paterna e impossibilidade de ação.

○ **36. (ENEM)** Em *A morte de Ivan Ilitch*, Tolstoi descreve com detalhes repulsivos o terror de encarar a morte iminente. Ilitch adoece depois de um pequeno acidente e logo compreende que se encaminha para o fim de modo impossível de parar. "Nas profundezas de seu coração, ele sabia estar morrendo, mas em vez de se acostumar com a ideia, simplesmente não o fazia e não conseguia compreendê-la".

KAZEZ, J. O peso das coisas: filosofia para o bem-viver. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2004.

O texto descreve a experiência do personagem de Tolstoi diante de um aspecto incontornável de nossas vidas. Esse aspecto foi um tema central na tradição filosófica

- a) marxista, no contexto do materialismo histórico.
- b) logicista, no propósito de entendimento dos fatos.
- c) utilitarista, no sentido da racionalidade das ações.
- d) pós-modernista, na discussão da fluidez das relações.
- e) existencialista, na questão do reconhecimento de si.



○ **37. (ENEM)** Uma norma só deve pretender validade quando todos os que possam ser concernidos por ela cheguem (ou possam chegar), enquanto participantes de um discurso prático, a um acordo quanto à validade dessa norma.

HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Segundo Habermas, a validade de uma norma deve ser estabelecida pelo(a):

- a) liberdade humana, que consagra a vontade.
- b) razão comunicativa, que requer um consenso.
- c) conhecimento filosófico, que expressa a verdade.
- d) técnica científica, que aumenta o poder do homem.
- e) poder político, que se concentra no sistema partidário.

○ **38. (ENEM)** No século XX, o transporte rodoviário e a aviação civil aceleraram o intercâmbio de pessoas e mercadorias, fazendo com que as distâncias e a percepção subjetiva das mesmas se reduzissem constantemente. É possível apontar uma tendência de universalização em vários campos, por exemplo, na globalização da economia, no armamentismo nuclear, na manipulação genética, entre outros.

HABERMAS, J. A constelação pós-nacional: ensaios políticos. São Paulo: Littera Mundi, 2001 (adaptado).

Os impactos e efeitos dessa universalização, conforme descritos no texto, podem ser analisados do ponto de vista moral, o que leva à defesa da criação de normas universais que estejam de acordo com:

- a) os valores culturais praticados pelos diferentes povos em suas tradições e costumes locais.
- b) os pactos assinados pelos grandes líderes políticos, os quais dispõem de condições para tomar decisões.
- c) os sentimentos de respeito e fé no cumprimento de valores religiosos relativos à justiça divina.
- d) os sistemas políticos e seus processos consensuais e democráticos de formação de normas gerais.
- e) os imperativos técnico-científicos, que determinam com exatidão o grau de justiça das normas.

○ **39. (ENEM)** O conceito de democracia, no pensamento de Habermas, é construído a partir de uma dimensão procedimental, calcada no discurso e na deliberação. A legitimidade democrática exige que o processo de tomada de decisões políticas ocorra a partir de uma ampla discussão pública, para somente então decidir. Assim, o caráter deliberativo corresponde a um processo coletivo de ponderação e análise, permeado pelo discurso, que antecede a decisão.

VITALE, O. Jürgen Habermas, modernidade e democracia deliberativa. Cadernos do CRH (UFBA), v. 19, 2006. Adaptado.

O conceito de democracia proposto por Jürgen Habermas pode favorecer processos de inclusão social. De acordo com o texto, é uma condição para que isso aconteça o(a):

- a) participação direta periódica do cidadão.
- b) debate livre e racional entre cidadãos e Estado.
- c) interlocução entre os poderes governamentais.
- d) eleição de lideranças políticas com mandatos temporários.
- e) controle do poder político por cidadãos mais esclarecidos.

○ **40. (ENEM)** Na regulação de matérias culturalmente delicadas, como, por exemplo, a linguagem oficial, os currículos da educação pública, o *status* das Igrejas e das comunidades religiosas, as normas do direito penal (por exemplo, quanto ao aborto), mas também em assuntos menos chamativos, como, por exemplo, a posição da família e dos consórcios semelhantes ao matrimônio, a aceitação de normas de segurança ou a delimitação das esferas pública e privada – em tudo isso reflete-se amiúde apenas o autoentendimento ético-político de uma cultura majoritária, dominante por motivos históricos. Por causa de tais regras, implicitamente repressivas, mesmo dentro de uma comunidade republicana que garanta formalmente a igualdade de direitos para todos, pode eclodir um conflito cultural movido pelas minorias desprezadas contra a cultura da maioria.

HABERMAS, J. A inclusão do outro: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.

A reivindicação dos direitos culturais das minorias, como exposto por Habermas, encontra amparo nas democracias contemporâneas, na medida em que se alcança:

- a) a secessão, pela qual a minoria discriminada obterá a igualdade de direitos na condição da sua concentração espacial, num tipo de independência nacional.
- b) a reunificação da sociedade que se encontra fragmentada em grupos de diferentes comunidades étnicas, confissões religiosas e formas de vida, em torno da coesão de uma cultura política nacional.
- c) a coexistência das diferenças, considerando a possibilidade de os discursos de autoentendimento se submeterem ao debate público, cientes de que estarão vinculados à coerção do melhor argumento.
- d) a autonomia dos indivíduos que, ao chegarem à vida adulta, tenham condições de se libertar das tradições de suas origens em nome da harmonia da política nacional.
- e) o desaparecimento de quaisquer limitações, tais como linguagem política ou distintas convenções de comportamento, para compor a arena política a ser compartilhada.

○ **41. (INEP)** Ao argumentar a favor de sua Ética do Discurso, Apel e Habermas confrontam o cético moral com o que chamam uma contradição performativa. Segundo os autores, o interlocutor cético que procurar defender sua perspectiva perante os demais já estará comprometendo-se com os princípios da ética do discurso.

Com base na afirmação acima, julgue os itens subsequentes, a respeito dos princípios da ética do discurso.

- I. São pressupostos de todo e qualquer discurso.
- II. Expressam regras semânticas da linguagem.
- III. Expressam pressupostos do discurso de fundamentação racional.
- IV. Tipificam uma forma de ceticismo moral.
- V. Tornam possível o estabelecimento de uma situação de fala ideal.

Estão certos apenas os itens:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) III e V.
- e) IV e V.



○ 42. (ENEM 2023)

TEXTO I

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no meu mover-me no mundo e, se careço de responsabilidade, não posso falar em ética.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TEXTO II

Paulo Freire construiu uma pedagogia da esperança. Na sua concepção, a história não é algo pronto e acabado. As estruturas de opressão e as desigualdades, apesar de serem naturalizadas, são sócio e historicamente construídas. Daí a importância de os educandos tomarem consciência da sua realidade para, assim, transformá-la.

DEMARCHI, J. L. Paulo Freire. Disponível em: <https://diplomatique.org.br>. Acesso em: 6 out. 2021 (adaptado).

Com base no conceito de ética pedagógica presente nos textos, os educandos tornam-se responsáveis pela

- a) participação sociopolítica.
- b) definição estético-cultural.
- c) competição econômica local.
- d) manutenção do sistema escolar.
- e) capacitação de mobilidade individual.

○ 43. (ENEM 2023) Quem se mete pelo caminho do pedido de perdão deve estar pronto a escutar uma palavra de recusa. Entrar na atmosfera do perdão é aceitar medir-se com a possibilidade sempre aberta do imperdoável. Perdão pedido não é perdão a que se tem direito [devido]. É com o preço destas reservas que a grandeza do pe dão se manifesta.

RICOEUR, P. O perdão pode curar. Disponível em: www.lusosfia.net. Acesso em: 14 out. 2019.

A reflexão sobre o perdão apresentada no texto encontra fundamento na(s)

- a) rejeição particular amparada pelo desejo de poder.
- b) decisão subjetiva determinada pela vontade divina.
- c) liberdade mitigada pela predestinação do espírito.
- d) escolhas humanas definidas pelo conhecimento empírico.
- e) relações interpessoais mediadas pela autonomia dos indivíduos.

○ 44. (ENEM 2023)

TEXTO I

Gerineldo dorme porque já está conformado com o seu mundo. Porque já sabe tudo o que lhe pode acontecer após haver submetido todos os objetos que o rodeiam a um minucioso inventário de possibilidades. Seu apartamento, mais que um apartamento, é uma teoria de sorte e de azar. Melhor que ninguém, Gerineldo conhece o coeficiente da dilatação de suas janelas e mantém marcado no termômetro, com uma linha vermelha, o ponto em que se quebrarão os vidros, despedaçados em estilhaços de morte. Sabe que os arquitetos e os engenheiros já previram tudo, menos o que nunca já aconteceu.

MÁRQUEZ, G. G. O pessimista. In: *Textos do Caribe*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

TEXTO II

A situação é o sujeito inteiro (ele não é nada a não ser a sua situação) e é também a coisa inteira (nunca há mais nada senão as coisas). É o sujeito a elucidar as coisas pela sua própria superação, se assim quisermos; ou são as coisas a reenviar ao sujeito a imagem dele. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, do meu nascimento, do meu lugar, do meu passado, dos meus redores — e é a minha liberdade sem limites que faz com que haja para mim uma facticidade.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997 (adaptado).

A postura determinista adotada pelo personagem Gerineldo contrasta com a ideia existencialista contida no pensamento filosófico de Sartre porque

- a) evidencia a manifestação do inconsciente.
- b) nega a possibilidade de transcendência.
- c) contraria o conhecimento difuso.
- d) sustenta a fugacidade da vida.
- e) refuta a evolução biológica.

○ 45. (UFSM) No Brasil, ainda é conhecida a popularizada Lei de Gerson que dizia o seguinte: “o importante é levar vantagem em tudo”. Essa lei, baseada na vantagem particular, traz consigo um conceito de “bom” que é equivalente a uma prática especialmente observada nos países de capitalismo mais avançado.

Tal conceito de “bom” pode ser assim expresso:

- I. “bom” é aquilo que beneficiará socialmente a todos.
- II. “bom” é o que se identifica com o bem comum.
- III. “bom” é o que possibilita meu progresso econômico em particular, sem levar em conta os outros.
- IV. “bom” é o que me leva a alcançar fins justos em conformidade com interesses coletivos.
- V. “bom” é o que conduz ao meu sucesso pessoal, não importando os meios utilizados.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) III e V apenas.
- d) IV e V apenas.
- e) I, II, III, IV e V apenas.



○ 46. (UFSM) A palavra “cultura” e suas cognatas têm múltiplos significados. Considere o seguinte argumento: Deixar comida no prato é parte da cultura brasileira. Logo, uma pessoa culta deve deixar comida no prato.

Considere as seguintes afirmações:

- I. Há um uso ambíguo de “cultura” e de sua cognata “cultura” no argumento.
- II. Há uma inferência de um juízo de valor a partir de um juízo de fato.
- III. “Cultura”, na premissa, significa “comportamento natural”.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ 47. (UFSM) O mito dos anjos caídos conta que alguns anjos, depois de se revoltarem contra seu criador, foram jogados para a Terra. E conclui: foi assim que o mal entrou no mundo.

Tal explicação da origem do mal centra-se na ideia de que o mal

- I. tem origem fora do homem.
- II. é fruto do livre arbítrio humano.
- III. está radicado na vontade individual, de cada um.

Está(ão) correta(s) a(s) alternativa(s)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) III apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

○ 48. (UFSM) “Os direitos humanos estão fundados no princípio da liberdade, podendo-se afirmar que a liberdade é a causalidade das ações morais”.

Para os pensadores modernos, as causas do que ocorre no mundo fundam-se em leis naturais do mesmo modo que a liberdade é a causalidade das ações morais. Essa liberdade implica a necessidade de formar cidadãos que saibam questionar fatos, determinações e deveres e que saibam argumentar sobre os seus direitos. A relação entre liberdade e causalidade é expressa por Immanuel Kant do seguinte modo: “Dado que o conceito de causalidade implica em si o de leis, segundo as quais alguma coisa que chamamos efeito deve ser produzida por alguma outra coisa que é a causa, a liberdade, embora não seja propriedade da vontade que se conforme com leis naturais, nem por isso está fora de toda lei; pelo contrário, ela deve ser uma causalidade que age segundo leis imutáveis, mas leis de peculiar espécie, pois, de outro modo, uma vontade livre seria um absurdo”.

Fundamentação da Metafísica dos Costumes, p. 446.

Podemos, portanto, afirmar:

- I. A liberdade da vontade se conforma com as leis naturais.
- II. Tudo o que ocorre obedece a uma causa, também a liberdade.
- III. A liberdade da vontade independe de qualquer lei.
- IV. Tudo o que ocorre no mundo natural segue o determinismo de leis invariáveis.
- V. As relações que implicam uma causalidade livre são sempre orientadas conforme leis de uma vontade livre.

Estão corretas

- a) apenas I e IV.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I, III e V.
- d) apenas II, IV e V.
- e) apenas IV e V.



○ **49. (UFSM)** “Soube que pretendem colocar-nos numa reserva perto das montanhas. Não quero ficar nela. Gosto de vagar pelas pradarias. Nelas me sinto livre e feliz; quando nos estabelecemos, ficamos pálidos e morremos. Pus de lado minha lança, o arco e o escudo, mas me sinto seguro na sua presença. (...) Há muito tempo, esta terra pertencia aos nossos antepassados; mas quando subo o rio, vejo acampamentos de soldados em suas margens. Esses soldados cortam minha madeira, matam meu búfalo e, quando vejo isso, meu coração parece partir; fico triste... Será que o homem branco se tornou uma criança que mata sem se importar e não come o que matou? Quando os homens vermelhos matam a caça, é para que possam viver e não morrer de fome.”

SATANTA, chefe dos kiowas. BROWN, D. A. Enterrem meu coração na curva do rio: Uma história índia do Oeste americano. São Paulo: Melhoramentos, 1972. p. 173.

Considerando a visão de Satanta, chefe dos kiowas, sobre o modo como o homem branco trata os búfalos, é possível afirmar, do ponto de vista moral, que Satanta:

- I. discorda do modo como as crianças brancas tratam os animais selvagens e de suas atitudes morais com a natureza.
- II. está expressando sua condenação moral ao modo como o homem branco se relaciona com a natureza.
- III. está expressando apenas sua indignação moral a respeito do modo como as crianças indígenas tratam os animais.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ **50. (UFSM)**

“Mais vale uma vida modesta com paz e sossego que todo o luxo do mundo com perigos e preocupações”.

Agora veja os três enunciados a seguir e indique qual(is) é(são) compatível(is) com essa afirmação.

- I. O luxo é um mal e deve ser evitado sempre.
- II. Uma vida modesta é preferível a uma vida de luxo.
- III. O luxo é um bem e deve ser buscado sempre.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II.
- d) apenas I e III.
- e) apenas II e III.

○ **51. (UFSM)** Em sua *Ética a Nicômacos* (EN Livro 111, 3; 1112a), Aristóteles diz que, a respeito de coisas eternas, não há como deliberar: “... ninguém delibera sobre coisas eternas, por exemplo, sobre o universo ou sobre a incomensurabilidade da diagonal e do lado do quadrado... No caso das ciências exatas e autônomas, não há deliberação, por exemplo, sobre as letras do alfabeto”.

O conceito de deliberação está tomado aqui no mesmo sentido de:

- I. Só podemos decidir sobre fenômenos da natureza, como trovões, raios e tempestades.
- II. Em nossas decisões, não devemos nos basear em raciocínios do tipo: dois multiplicando por três é o mesmo que três multiplicando por dois.
- III. Não podemos decidir a respeito de leis naturais que apresentam uma regularidade, tal como o ciclo da lua, do sol e das estações do ano.
- IV. A ética, de igual modo que a matemática e as ciências naturais em geral, apresenta leis regulares e imutáveis.

Estão corretos

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas II e III.
- e) apenas II e IV.

○ **52. (UFSM)** Ao considerar a relação entre natureza e moral, Aristóteles afirma que “nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”.

Ética a Nicômaco. II, 1103a.

Portanto:

- I. Excelência intelectual é instrução e excelência moral é exercício.
- II. Há uma oposição entre natureza e hábito correspondente à oposição entre natureza e cultura.
- III. A excelência moral é cultivada pelo hábito.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



53. (UFSM) Em regiões populosas, como as grandes capitais, a escassez é resultado do consumo além dos limites suportáveis e do desperdício, que faz correr pelo ralo cerca de 40% de toda a água distribuída para a população.

Nesse trecho, Sérgio Adeodato alerta para o desperdício ou esbanjamento de água. Na ética aristotélica, o esbanjamento é um vício por excesso.

O antônimo de esbanjamento é

- a) avareza.
- b) indiferença.
- c) insensibilidade.
- d) modéstia.
- e) rusticidade.

54. (UFSM) Considerando a excelência intelectual e a moral, a primeira deve-se à natureza e a segunda, ao hábito.

“É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós _____ pois nada que existe _____ pode ser alterado_____”.

Aristóteles

Escolha a sequência correta dos termos que se ajustam à citação.

- a) por natureza - por natureza - pelo hábito.
- b) por natureza - pelo hábito - por natureza.
- c) pelo hábito - por natureza - por natureza.
- d) pelo hábito - pelo hábito - por natureza.
- e) pelo hábito - por natureza - pelo hábito.

55. (UFSM) Na ética de Aristóteles, a noção de boa vida ocupa um lugar central. Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das seguintes afirmações relacionadas a esse assunto:

- () “Eudaimonia” (“eudemonia”, em português) é a expressão grega para o viver bem preconizado pela ética aristotélica.
- () Uma virtude, segundo a ética aristotélica, é um meio-termo entre dois vícios.
- () Na ética kantiana, a noção de boa vida também ocupa o lugar mais proeminente.

A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) F - F - F.
- c) V - V - F.
- d) V - F - V.
- e) F - F - V.

56. (UFSM) Para Immanuel Kant, “A razão ultrapassaria todos os seus limites, se pretendesse explicar como é que uma razão pura pode ser prática, o que equivaleria exatamente a explicar de que maneira a liberdade é possível”.

Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das alternativas que seguem.

- () A possibilidade da liberdade pode ser explicada pela razão.
- () Ao pretender explicar a possibilidade da liberdade, a razão ultrapassa os seus limites.
- () Não é possível para a razão pura explicar como a liberdade é possível.

- a) F - V - F
- b) F - F - V
- c) V - V - F
- d) F - V - V
- e) V - F - F

57. (UFSM) A afirmação “Os homens libertam-se pouco a pouco da brutalidade, quando de nenhum modo se procura intencionalmente nela os conservar” foi usada por Immanuel Kant, em 1784, para expressar uma importante reivindicação do iluminismo.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é o iluminismo?

A citação se refere à passagem

- I. da superstição à religião.
- II. do mito ao conceito.
- III. da heteronomia à autonomia.

Está(ão) correta(s) a(s) alternativa(s)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) III apenas.
- d) I e III apenas.
- e) II e III apenas.



○ 58. (UFSM) “De algum modo, a rápida sucessão de escândalos nos afastou da ética de contornos claramente deontológicos e nos empurrou para uma matriz mais consequencialista pragmática. É como se disséssemos a nós mesmos que, uma vez que todos os políticos roubam, só o que nos resta é escolher aqueles que, sem negar sua natureza, se mostrem mais eficientes ao promover o bem-estar geral.”

Hélio Schwartzman, 20/08/2009, “O Senado e a ética”.

Considere as seguintes afirmações:

- I. Uma ética deontológica privilegia as consequências de uma ação na avaliação da conduta de alguém.
- II. “Sem negar sua natureza” implica admitir que os políticos roubem.
- III. O bem-estar geral é um valor da matriz mais consequencialista-pragmática mencionada pelo autor.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas III.
- c) apenas I e II.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 59. (UFSM) O desenvolvimento industrial e os benefícios dele advindos são, em alguns casos, incompatíveis com princípios que promovem a conservação dos recursos naturais. Nesses casos, se você optar pelo desenvolvimento industrial por causa de seus benefícios, apesar do dano aos recursos naturais, sua avaliação ética é de tipo _____; se, porém, você optar pela conservação dos recursos naturais por respeito ao princípio segundo o qual devemos proteger os recursos naturais, abdicando do desenvolvimento industrial e de seus benefícios, sua avaliação ética é de tipo _____.

Assinale a alternativa que preenche, corretamente, as lacunas, dando sentido ao texto.

- a) consequencialista – científica.
- b) científica – deontológica.
- c) consequencialista – deontológica.
- d) deontológica – consequencialista.
- e) científica – consequencialista.

○ 60. (UFSM 2023)

“Ser mãe continua sendo um fator determinante na redução da participação feminina no mercado de trabalho científico, devido a estereótipos e concepções equivocadas sobre a maternidade na sociedade.

Enquanto 63% dos pais docentes concordam plenamente que ter filhos não mudou a percepção de seus colegas e superiores sobre seu comprometimento ou competência no trabalho, apenas 35% das mães têm a mesma opinião.”

Fonte: GORZIZA, A. Maternidade ignorada e “efeito-tesoura” atrasam avanço de mulheres na ciência. Revista Piauí, Rio de Janeiro, 23 maio 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/maternidade-ignorada-e-efeito-tesoura-atrasam-avanco-demulheres-na-ciencia/>>. Acesso em: 31 maio 2023.

De acordo com a ética utilitarista, é correto afirmar que a pesquisa apresentada na matéria revela que os padrões atuais de produção científica

- a) maximizam a felicidade de todos os envolvidos e reduzem a dor e o sofrimento.
- b) não configuram um problema ético em razão da percepção da desigualdade de gênero na ciência.
- c) manifestam violação de uma obrigação moral ao não valorizar igualmente as diferentes perspectivas.
- d) seguem o cálculo agregacionista das unidades de felicidade envolvidas.
- e) consideram o princípio da imparcialidade por contemplar a presença masculina na ciência.

○ 61. (UFSM)

O filósofo australiano Peter Singer, um ativo defensor do vegetarianismo, concedeu uma entrevista (Revista época, n. 421), da qual o seguinte trecho é extraído:

época: “o homem não é onívoro por natureza?”

Peter Singer: “não sei o que isso quer dizer. Se quer dizer que não podemos fazer outra coisa, com certeza, isso não é verdade. Há muitos milhões de pessoas que não comem animais. Se quer dizer que essa é a forma como sempre fizemos, é verdade. Mas é irrelevante para determinarmos o que fazer agora”.

Considerando o texto, é possível afirmar:

- I. A expressão “onívoro por natureza” pode ter dois significados distintos.
- II. A expressão “onívoro por natureza” pode significar que sempre fomos, somos e seremos onívoros.
- III. Singer afirma que sempre seremos onívoros.
- IV. Singer admite a importância de afirmações sobre fatos para a avaliação de afirmações sobre valores.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I e IV apenas.
- d) III e IV apenas.
- e) I, II, III e IV.



○ **62. (UFSM)** O ramo da Filosofia que se ocupa da avaliação moral de nossa utilização de recursos naturais, tais como a água potável, os combustíveis e o ar, é o da

- a) filosofia da natureza.
- b) antropologia filosófica.
- c) ecologia.
- d) bioética.
- e) hipótese de Gaia.

○ **63. (UFSM)** Alguns filósofos definem a liberdade como um agir segundo regras universais; outros, como ausência de coerção ou impedimentos sobre o agente. Essas definições foram sintetizadas em dois conceitos usados tanto na ética como na filosofia política. Dois pensadores que formularam essas concepções foram:

- a) Wittgenstein e Rousseau.
- b) Kant e Hobbes.
- c) Platão e Sócrates.
- d) Jesus Cristo e Maomé.
- e) Thomas Mann e Marcel Proust.

○ **64. (UFSM)** O quadro de Leonardo da Vinci, A Virgem dos Rochedos, foi sugerido como revelador de um enigma no recente best seller de Dan Brown, O Código da Vinci. Esse livro sustenta a tese polêmica de que o bem entra no mundo e se transmite como resultado da relação entre o humano (a virgem Maria) e o divino (anjo). A continuidade do bem estaria assegurada pelos descendentes do casal formado por Jesus (divino) e Maria Madalena (humano), daí se originando uma linhagem, estirpe ou família do bem. Tal construção narrativa, ao inverter o Mito dos anjos caídos, que explica a origem do mal no mundo, traz a implicação ética de que o bem

- I. resulta da prática do dever.
- II. está radicado na vontade humana.
- III. decorre do conhecimento das virtudes.
- IV. é transmitido por hereditariedade.
- V. independe das livres decisões humanas individuais.

Estão corretas

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) III e IV apenas.
- d) IV e V apenas.
- e) I, II, III, IV e V.



GABARITO



• Habilidades à prova

Unidade 1

| | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. C | 12. A | 23. B | 34. B | 45. B |
| 2. C | 13. C | 24. D | 35. C | 46. E |
| 3. C | 14. B | 25. B | 36. C | 47. E |
| 4. A | 15. D | 26. E | 37. D | 48. B |
| 5. E | 16. A | 27. A | 38. C | 49. A |
| 6. A | 17. B | 28. B | 39. C | 50. A |
| 7. D | 18. B | 29. E | 40. E | 51. B |
| 8. C | 19. A | 30. C | 41. D | |
| 9. E | 20. B | 31. A | 42. C | |
| 10. C | 21. D | 32. D | 43. B | |
| 11. B | 22. C | 33. C | 44. B | |

Unidade 2

| | | | |
|-------|-------|-------|-------|
| 1. A | 19. A | 37. B | 55. C |
| 2. C | 20. B | 38. D | 56. D |
| 3. B | 21. A | 39. B | 57. C |
| 4. D | 22. D | 40. C | 58. D |
| 5. D | 23. C | 41. D | 59. C |
| 6. A | 24. C | 42. A | 60. C |
| 7. D | 25. B | 43. E | 61. A |
| 8. D | 26. C | 44. B | 62. D |
| 9. C | 27. E | 45. C | 63. B |
| 10. A | 28. D | 46. D | 64. D |
| 11. A | 29. D | 47. A | |
| 12. B | 30. E | 48. D | |
| 13. C | 31. B | 49. B | |
| 14. A | 32. E | 50. C | |
| 15. C | 33. A | 51. D | |
| 16. E | 34. D | 52. E | |
| 17. E | 35. A | 53. A | |
| 18. D | 36. E | 54. A | |

